

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Almeida Garrett
Helena



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Almeida Garrett

Helena

Publicado originalmente em 1854.

**João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett
(1799 – 1854)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 449



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Almeida Garret: “*Helena*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett nasceu com o nome de João Leitão da Silva no Porto a 4 de fevereiro de 1799, filho segundo de Antônio Bernardo da Silva Garrett, selador-mor da Alfândega do Porto, e Ana Augusta de Almeida Leitão. Passou a sua infância, altura em que alterou o seu nome para João Baptista da Silva Leitão, acrescentando o sobrenome Baptista do padrinho e trocando a ordem dos seus apelidos, na Quinta do Sardão, em Oliveira do Douro (Vila Nova de Gaia), pertencente ao seu avô materno José Bento Leitão. Mais tarde viria a escrever a este propósito: "Nasci no Porto, mas criei-me em Gaia". No período de sua adolescência foi viver para os Açores, na ilha Terceira, quando as tropas francesas de Napoleão Bonaparte invadiram Portugal e onde era instruído pelo tio, D. Alexandre, bispo de Angra. De seguida, em 1816 foi para Coimbra, onde acabou por se matricular no curso de Direito. Em 1821 publicou *O Retrato de Vénus*, trabalho que fez com que lhe pusessem um processo por ser considerado materialista, ateu e imoral. É também neste ano que ele e sua família passam a usar o apelido de Almeida Garrett.

Filho segundo do selador-mor da Alfândega do Porto, acompanhou a família quando esta se refugiou nos Açores, onde tinha propriedades, fugindo da segunda invasão francesa, realizada pelo exército comandado pelo marechal Soult que entrando em Portugal por Chaves se dirigiu para o Porto, ocupando-o. Passou a adolescência na ilha Terceira, tendo sido destinado à vida eclesiástica, devendo entrar na Ordem de Cristo, por intercedência do tio paterno, Frei Alexandre da Sagarada Família, bispo de Malaca e depois de Angra.

Em 1816, tendo regressado a Portugal, inscreveu-se na Universidade, na Faculdade de Leis, sendo aí que entrou em contacto com os ideais liberais. Em Coimbra, organiza uma loja maçônica, que será frequentada por alunos da Universidade como Manuel Passos. Em 1818, começa a usar o apelido Almeida Garrett, assim como toda a sua família.

Participa entusiasticamente na revolução de 1820, de que parece ter tido conhecimento antecipado, como parece provar a poesia *As férias*, escrita em 1819. Enquanto dirigente estudantil e orador defende o vintismo com ardor escrevendo um Hino Patriótico recitado no Teatro de São João. Em 1821, funda a Sociedade dos Jardineiros, e volta aos Açores numa viagem de possível motivação maçônica. De regresso ao Continente, estabelece-se em Lisboa, onde continua a publicar escritos patrióticos. Concluindo a Licenciatura em Novembro deste ano.

Em Coimbra publica o poema libertino *O Retrato de Vénus*, que lhe vale ser acusado de materialista e ateu, assim como de "abuso da liberdade de

imprensa”, de que será absolvido em 1822. Torna-se secretário particular de Silva Carvalho, secretário de estado dos Negócios do Reino, ingressando em Agosto na respectiva secretaria, com o lugar de chefe de repartição da instrução pública. No fim do ano, em 11 de Novembro, casa com Luísa Midosi.

A Vilafrancada, o golpe militar de D. Miguel que, em 1823, acaba com a primeira experiência liberal em Portugal, leva-o para o exílio. Estabelece-se em Março de 1824 no Havre, cidade portuária francesa na foz do Sena, mas em Dezembro está desempregado, o que o leva a ir viver para Paris. Não lhe sendo permitido o regresso a Portugal, volta ao seu antigo emprego no Havre. Em 1826 está de volta a Paris, para ir trabalhar na livraria Aillaud. A mulher regressa a Portugal.

É anistiado após a morte de D. João VI, regressando com os últimos emigrados, após a outorga da Carta Constitucional, reocupando em Agosto o seu lugar na Secretaria de Estado. Em Outubro começa a editar “O Português, diário político, literário e comercial”, sendo preso em finais do ano seguinte. Libertado, volta ao exílio em Junho de 1828, devido ao restabelecimento do regime tradicional por D. Miguel. De 1828 a Dezembro de 1831 vive em Inglaterra, indo depois para França, onde se integra num batalhão de caçadores, e mais tarde, em 1832, para os Açores integrado na expedição comandada por D. Pedro IV. Nos Açores transfere-se para o corpo acadêmico, sendo mais tarde chamado, por Mouzinho da Silveira, para a Secretaria de Estado do Reino.

Participa na expedição liberal que desembarca no Mindelo e ocupa o Porto em Julho de 1832. No Porto, é reintegrado como oficial na secretaria de estado do Reino, acumulando com o trabalho na comissão encarregada do projeto de criação do Códigos Criminal e Comercial.

Em Novembro parte com Palmela para uma missão a várias cortes europeias, mas a missão é dissolvida em Janeiro e Almeida Garrett vence abandonado em Inglaterra, indo para Paris onde se encontra com a mulher.

Só com a ocupação de Lisboa em Julho de 1833, consegue apoio para o seu regresso, que acontece em Outubro. Em 2 de Novembro é nomeado vogal-secretário da Comissão de reforma geral dos estudos. É por essa altura que terá se instalado no palácio dos Condes de Almada, no Largo de S. Domingos, em Lisboa, onde reunia a referida comissão. Em Fevereiro do ano seguinte é nomeado cônsul-geral e encarregado de negócios na Bélgica, onde chega em Junho, mas é de novo abandonado pelo governo.

Regressa a Portugal em princípios de 1835, regressando ao seu posto em Maio. Estava em Paris, em tratamento, quando foi substituído sem aviso prévio na embaixada belga. Nomeado embaixador na Dinamarca, é demitido antes mesmo de abandonar a Bélgica.

Estes sucessivos abandonos por parte dos governos cartistas, levam-no a envolver-se com o *Setembrismo*, dando assim origem à sua carreira parlamentar. Logo em 28 de Setembro de 1836 é incumbido de apresentar uma proposta para o teatro nacional, o que faz propondo a organização de uma Inspeção-Geral dos Teatros, a edificação do Teatro D. Maria II e a criação do Conservatório de Arte Dramática. Os anos de 1837 e 1838, são preenchidos nas discussões políticas que levarão à aprovação da Constituição de 1838, e na renovação do teatro nacional.

Em 20 de Dezembro é nomeado cronista-mor do Reino, organizando logo no princípio de 1839 um curso de leituras públicas de História. No ano seguinte o curso versa a “história política, literária e científica de Portugal no século XVI”.

Em 15 de Julho de 1841 ataca violentamente o ministro António José d'Ávila, num discurso a propósito da Lei da Décima, o que implica a sua passagem para a oposição, e o leva à demissão de todos os seus cargos públicos. Em 1842, opõem-se à restauração da Carta proclamada no Porto por Costa Cabral. Eleito deputado nas eleições para a nova Câmara dos Deputados cartista, recusa qualquer nomeação para as comissões parlamentares, como toda a esquerda parlamentar. No ano seguinte ataca violentamente o governo cabralista, que compara ao absolutista.

É neste ano de 1843 que começou a publicar, na *Revista Universal Lisbonense*, as *Viagens na Minha Terra*, descrevendo a viagem ao vale de Santarém começada em 17 de Julho. Anteriormente, em 6 de Maio, tinha lido no Conservatório Nacional uma memória em que apresentou a peça de teatro Frei Luís de Sousa, fazendo a primeira leitura do drama.

Continuando a sua oposição ao Cabralismo, participa na Associação Eleitoral, dirigida por Sá da Bandeira, assim como nas eleições de 1845, onde foi um dos 15 membros da minoria da oposição na nova Câmara. Em 17 de Janeiro de 1846, proferiu um discurso em que considerava a minoria como representante da “grande nação dos oprimidos”, pedido em 7 de Maio a demissão do governo, e em Junho a convocação de novas Cortes.

Com o despoletar da revolução da Maria da Fonte, e da Guerra Civil da Patuleia, Almeida Garrett que apoia o movimento, tem que passar a andar escondido, reaparecendo em Junho, com a assinatura da Convenção do Gramido.

Com a vitória cartista e o regresso de Costa Cabral ao governo, Almeida Garrett é afastado da vida política, até 1852. Em 1849, passa uma breve temporada em casa de Alexandre Herculano, na Ajuda. Em 1850, subscreve com mais de 50 outras personalidades um Protesto contra a Proposta sobre a Liberdade de

Imprensa, mais conhecida por “lei das rolhas”. Costa Cabral nomeia-o, em Dezembro, para a comissão do monumento a D. Pedro IV.

Com o fim do Cabralismo e o começo da Regeneração, em 1851, Almeida Garrett é consagrado oficialmente. É nomeado sucessivamente para a redação das instruções ao projeto da lei eleitoral, como plenipotenciário nas negociações com a Santa Sé, para a comissão de reforma da Academia das Ciências, vogal na comissão das bases da lei eleitoral, e na comissão de reorganização dos serviços públicos, para além de vogal do Conselho Ultramarino, e de estar encarregado da redação do que irá ser o Ato Adicional à Carta.

Por decreto do Rei D. Pedro V de Portugal, datado de 25 de junho de 1851, Garrett é feito Visconde de Almeida Garrett, em vida (tendo o título sido posteriormente renovado por 2 vezes). Em 1852 sobraça, por poucos dias, a pasta do Negócios Estrangeiros em governo presidido pelo Duque de Saldanha. Em 1852 é eleito novamente deputado, e de 4 a 17 de Agosto será ministro dos Negócios Estrangeiros. A sua última intervenção no Parlamento será em Março de 1854 em ataca o governo na pessoa de Rodrigo de Fonseca Magalhães.

Falece a 9 de dezembro de 1854, vítima de um cancro de origem hepática, na sua casa situada na atual Rua Saraiva de Carvalho, em Campo de Ourique, Lisboa. Foi sepultado no Cemitério dos Prazeres, em Lisboa, tendo sido trasladado a 8 de Março de 1926 para o Mosteiro dos Jerónimos. Os seus restos mortais foram posteriormente trasladados para o Panteão Nacional da Igreja de Santa Engrácia quando do término deste edifício. A cerimônia ocorreu em homenagem a si e a mais outras ilustres figuras portuguesas, entre os dias 1 e 5 de dezembro de 1966.

*Wikipédia
Janeiro, 2014*

ÍNDICE

CAPÍTULO 1: O VIAJANTE	1
CAPÍTULO 2: A PASSIFLORA	3
CAPÍTULO 3: SPIRIDÃO CÁSSIANO DI MELLO I MATTOS	4
CAPÍTULO 4: A CANOA	7
CAPÍTULO 5: A CHEGADA	10
CAPÍTULO 6: A SALA	13
CAPÍTULO 7: INTIMIDADE	16
CAPÍTULO 8: A DOENTE	19
CAPÍTULO 9: DE MADRUGADA	22
CAPÍTULO 10: O PARQUE	24
CAPÍTULO 11: O PALÁCIO ENCANTADO	26
CAPÍTULO 12: O ALMOÇO	28
CAPÍTULO 13: A MÃE	30
CAPÍTULO 14: ISABEL	35
CAPÍTULO 15: O JANTAR	38
CAPÍTULO 16: INTERRUPÇÃO	40
CAPÍTULO 17: SIMPATIA	43
CAPÍTULO 18: ÚLTIMA COMUNHÃO	45
CAPÍTULO 19: RELIGIÃO, POESIA, MORTE	49
CAPÍTULO 20.....	52
CAPÍTULO 21.....	53
CAPÍTULO 22.....	59
CAPÍTULO 23.....	63
CAPÍTULO 24.....	66

CAPÍTULO 1: O VIAJANTE

Acabava de passar uma daquelas trovoadas espantosas que, nos países tropicais, repentinamente se formam, estalam, e de repente se dissipam também, deixando o ar mais puro, o céu mais azul, e toda a Natureza respirando uma frescura, um viço, uma lasciva animação de todo o ser, que não parece senão que ali foi agora a criação e começa a vida pela primeira vez.

Era a algumas léguas da Baía, não longe do semicírculo do Recôncavo, mas sertão dentro e nas extremas do país cultivado. Já raros os canaviais de açúcar, longe os engenhos, perto a solidão imensa do deserto, e a impenetrável espessura dos matos virgens, que não desflorara ainda o machado do colono e que projetavam suas sombras altas e negras sobre as terras adjacentes.

Caía o Sol, a tarde não era calmosa, e o rio, que ali corria mole e preguiçoso, parecia descansar das altas quedas que pouco acima dera nas precipitadas cachoeiras cujo estampido ali não chegava senão como um sussurro. Cantava o sabiá num maciço de palmeiras, resplandecentes com os últimos raios do Sol e que indicavam os derradeiros confins do domínio do homem. Para o interior dos matos caminhava lentamente o tocano imperial, grave em seu andar, fastoso e soberbo de sua dalmática doirada, como um rei-de-armas em préstito solene. Silvavam os bugios saltando de ramo em ramo de árvore; e o papagaio selvagem, ignorante de que tinha uma língua como o homem e o podia arremedar, chalrava soltamente em seus informes grasnidos, que, ainda assim, tem não sei quê de inteligente, de malicioso e de petulante. Toda a imensa variedade de aves, de répteis, de quadrúpedes e de quadrúmanos, que povoam aquelas terras maravilhosas, começava a acudir ao mais cerrado da espessura; uns pensando na noite próxima para descansar e se abrigar em árvore ou toca, outros para a velar à solta e livres do ardor intenso e da luz chamejante do dia que aborrecem.

Só o homem ali não aparecia; o homem desses bosques, o Adão daqueles Édens, afugentado e perseguido pelo invasor europeu, emigrara para longe, muito longe. E o colono rara vez se internava tanto, àquela hora sobretudo, em que branco e negro se encaminhavam para a roça.

Era a estação do fabrico do açúcar; as colheitas estavam adiantadas, as fornalhas ardião e o líquido precioso corria em torrentes dos vastos lagares.

Homens e gados, senhores e escravos, tudo vivia no engenho, tudo o rodeava; seus cuidados, sua alegria, todas as suas ocupações e preocupações estavam nele. Quem havia de vir a tais horas aos confins de terra apenas exploradas?

No meio desta solidão todavia, e quando o Sol já baixava mais e mais no horizonte, um viajante, manifestamente estrangeiro, montado num pequeno cavalo do país, seguia não sei que trilho, que a cavalo mostrava conhecer e distinguir melhor que o cavaleiro, e caminhava para a margem do rio. Era o instinto da sede que lhe fazia pressentir a água perto? Seria, porque ali não havia nem ponte nem vau que o cavalo pudesse estar costumado a passar; e ele todavia seguia, seguia direito para a margem do rio, sem desviar nem hesitar.

O cavaleiro era um homem velho, mas verde. Magro, alto, delicado de formas, porém terso de músculos, e posto que um tanto encurvado, mostrava robustez e saúde em toda a sua pessoa. Queimado do sol e do ar do deserto, a sua tez via-se contudo que era alva, da brancura dos homens do Norte da Europa. Um nariz, decididamente aquilino, descia de entre dois olhos castanho-claros, pequenos mas vivos, serenos mas penetrantes.

No rosto inteiramente rapado nenhuma barba cresciam que encobrissem as rugas fortemente sulcadas que o cruzavam, Só o lábio superior se revestia de um espesso bigode alvo de neve. O cabelo, que se percebia ser pouco, tinha um resto de mistura grisalha, desvanecida e terna como a mais pura cinza dos sarmentos. Uma larga pantalonada de xadrez branco e preto e uma ampla mas curta levita azul de estofado ligeiro deixavam perceber as magras formas que vestiam. Na casa superior da levita azul brilhava uma roseta de fita encarnada, sinal de distinção jamais esquecido ou descuidado, nem por aqueles desertos. Na cabeça um chapéu branco. A garupa do cavalo uma pequena maleta de campanha.

Tal era o viajante que assim se deixava guiar pelo seu cavalo naquelas paragens solitárias. O cavalo chegou à beira da água; e numa aberta que faziam os cipós, os martírios e outras lianas e trepadeiras que se enredavam pelos troncos e ramagem das árvores e arbustos, parou deliberadamente, como para anunciar ao seu cavaleiro que ali era o termo da jornada.

O cavaleiro sorriu, e tranquilamente se apeou, como quem estava acostumado ou resolvido a deixar-se governar em tudo pelo seu condutor. Tirou a sela ao

cavalo, desembridou-o; e o animalito, sem mais hesitação nem detenção, virou a garupa e partiu a galope, pelo mesmo caminho por onde viera: breve desapareceu.

Seguia-o dos olhos o viajante com a mesma expressão plácida e risonha do semblante, e tranquilamente se pôs a desafivelar do selim a sua mala. Abriu-a depois, e sacou dela uns cadernos de papel cuidadosamente dobrados, e que eram manifestamente um herbário. Sentou-se na relva macia e aveludada que ali se fazia na vizinhança e frescura do rio, e quietamente se pôs a examinar o seu *hortus siccus*. Era um botânico; visivelmente era um cultor fanático da bela ciência de Lineu, que peregrinava nas solidões do Novo Mundo em busca de alguma nova espécie com que enriquecer a Ciência, e legar imortalmente o seu nome a alguma bela família vegetal que descobrisse.

CAPÍTULO 2: A PASSIFLORA

Correu tempo: e não devia de ser pouco, porque os cadernos do herbário foram saindo, um a um, da maleta; e depois de profundamente examinados, comparados, revistos e concertados com amor, sê iam estendendo em largo círculo ao derredor do viajante.

No apaixonado repassar de seus tesoiros, tinha chegado a um cartão, marcado por fora da letra H, acompanhado daqueles asteriscos significativos que são como os sustentidos da silenciosa música do espírito quando lhe faltam palavras e letras com que expressar uma admiração que sobe de ponto.

– Ah! – exclamou ele –, cá estás tu, minha bela Helena, minha flor única! Descobri-te eu, e te dei este gentil nome que tão próprio te está, que tão dolorosas cenas me recorda, que tantas saudades aviva na minha alma. Helena, Helena!... Helena serás minha flor, não a impudica Helena que abrasou Tróia, mas a virtuosa Helena que nos revelou a cruz do Salvador.

Era com efeito um prodígio de beleza, a flor que ele contemplava, e que, visivelmente colhida daquele dia, não tinha murchado ainda, e conservava todo o viço de suas lustrosas folhas, todo o brilho de suas cores vivíssimas, toda a elegância de uma forma esquisitamente graciosa e gentil. Uma Passiflora era; e a mais perfeita certamente, a mais admirável de sua rica família. As pétalas de viva púrpura régia “e mais que régia”, dizia o nosso entusiasta, porque era

imperial a sua Helena; branca de leite a corola, e o pistilo, que distintamente se afeiçoava em cima numa cruz perfeitíssima, resplandecia do oiro mais puro e cendrado.

Era com efeito um prodígio de beleza e de perfeição aquela flor; e não precisava ser botânico ou florista para a admirar com entusiasmo. O nosso viajante parecia um namorado nos requebros e afagos que lhe fazia. Vinham-lhe as lágrimas aos olhos, beijava-a e lhe dizia palavras de ternura. Era um amante apaixonado fazendo loucuras com o retrato da sua amada.

– Passiflora! – dizia –, flor de amor e de paixão!... E ai!, de que paixão, de que triste paixão és tu, flor! Que nome foram pôr os missionários a esta rainha das flores americanas! E bem posto. Nestes órgãos cuidou ver a sua devoção representados os instrumentos da paixão de Cristo. Nas outras variedades com efeito a semelhança não é pequena. Mas nesta não vejo senão a cruz que é de oiro, e a coroa que é de espinhos. É alva como pérolas, alvíssima! Bem dado foi o nome que lhe dei, da minha Helena, da minha pérola da Grécia. Aqui está a nobre púrpura do régio sangue de suas veias; aqui está a alvura de sua inocência infantil; aqui a cruz de oiro que simboliza o seu nome cristão. Passiflora!, flor de paixão! Que não sejas tu vítima das fatais paixões a que deves o ser... A raça de que vens, a mãe de quem nasceste me fazem tremer... Já estou quase arrependido de ter posto o teu nome a esta flor. Não seja ele agoiro!... E os Portugueses que lhe chamam martírio!... Se tos prepara o destino, os martírios da paixão, Helena?... Como preciso de velar por ti, de consagrar o resto de meus dias ao cumprimento da sagrada promessa que fiz à cabeceira daquele leito de agonia, de te servir de pai... Oh!, pai, pai!...

E caiu-lhe da mão a flor admirada; e a face lhe descaiu sobre o peito; e entregou todo às íntimas recordações que faziam o mistério da sua vida, ficou absorto, e como perdidas e anuladas todas as relações. exteriores de sua existência.

CAPÍTULO 3: SPIRIDÃO CÁSSIÃO DI MELLO I MATTOS

Tão absorto, tão dormido de por fora estava o nosso viajante que não sentiu vir descendo pelo rio abaixo uma daquelas longas e afiladas canoas que fazem a navegação interna de quase todos os rios da América; leves, inconsúteis,

cavadas num imenso, único madeiro inteiriço, e tais ainda hoje, como as engenhara na infância da arte e singela indústria dos Índios.

E quatro índios eram os que vinham tripulando esta primitiva embarcação; nus de meio corpo, as curtas bragas de riscado vermelho e branco da cintura ao joelho, e armadas de longas varas com que iam arribando ou orçando das margens a canoa, afastando aqui os ramos das árvores que pendiam na água, além firmando-se nalguma pedra do meio da corrente para se não deixarem levar do rápido violento do caudal.

Ao leme e dirigindo a manobra toda, vinha o mais estranho arrais que, em tal barco e com tal companha, era possível imaginar: um preto velho e gordo que andava pelos sessenta e tantos, segundo, através do apolvilhado, se percebia na carapinha que lhe começava a dar em grisalha; negro retinto da cara, e escrupulosamente vestido de negro na mais apurada e faustosa elegância de um *buttler* do West-End de Londres, ou de um *maître d'hôtel da Chaussée d'Autin* de Paris. Preto, ainda assim, não era tudo nele; porque a gravata fina, sem goma, e brandamente enroscada à volta do pescoço, luzia de uma brancura irrepreensível, e completava o seu traje de elegante mordomo do século dezenove. O calção curto, a tíbia infiel e descamada coberta de luzente meia de seda; e o sapato – o próprio sapato... – quem tal pensaria ver em tal sítio e em tal pé? – o sapato desenhava no espelhado verniz os pronunciados e clássicos joanetes de um verdadeiro e legítimo pé modelo de um negro velho.

O ar do preto era importante, precioso e cheio de sua autoridade; mas não austero, antes plácido e risonho como o de uma ambição satisfeita.

Abicavam juntos à margem o contemplativo botânico parecia ter adormecido; e os índios cravando as varas na areia, contra a corrente, atravessaram uma prancha para a terra. O preto deixou gravemente o seu lugar de ré para desembarcar; pôs o pé na prancha, e observando para a praia, antes de descer, disse:

– Sió stá dórmido: é prciso acórdá êri, que fassi táde.

Mas não foi preciso “acórdá êri” como dissera o negro, porque não dormia.

Desconcentrou-se daqueles íntimos pensamentos que o absorviam, lançou os olhos ao rio, viu à margem a canoa, e reconhecendo nela o que sem dúvida

esperava, porque nenhuma estranheza lhe fez, saudou com a mão o importante paizinho, que já punha pé em terra, e pondo-se a recolher os cartões do seu herbário, os depositou cuidadosamente na maleta; fechou-a por sua mão, e tomando-a debaixo do braço, caminhou alegremente a encontrar-se com o negro que vinha direito a ele desfazendo-se em respeitosas zumbaias.

– Sua Esserença, é Sió Générá Brissá? – disse ele em sua meia língua.

– A mim chamam-me De Bréssac – respondeu o viajante em bom português, cuja reta pronúncia era contudo acentuada de um modo que sabia fortemente a francesia.

– Trago éste carta a Sió Générá; e o nosso canoa que stá à sua disposição de Vosserença.

– E quanto tempo gastaremos nós daqui lá, meu pai Gazuzá, ou pai Tomé, ou como quer que és que te chamas?

– Não cháma Gazuzá, não. Cháma Spiridião Cássiáno di Mello i Mattôss, pa sérví Sió Générá – respondeu o aristocrático mordomo, não sem um leve tom de despeito na voz.

– Mil perdões, amigo Spiridião! Não tinha reparado no seu ar grave e importante, senhor Cassiano; não sabia com quem alava... – disse o general, observando atentamente e com visível admiração a escrupulosa e irrepreensível toilette do negro.

– Spiridião Cássiáno, mordomo do Sió Visconde, veio por orde d'êri, fazê discúrpa a Sua Esserença di não podê vi, por está assi mesmo.

– Assim mesmo! Como assim mesmo?

– Stá quasi di cáma, como quem diz, stá di rêde.

– Ah!, está doente?

– Doente, meu sió, não stá. Sinhá é que stá doente. Sió Visconde com muito cuidado. Na carta diz, si fá favó di lê. E eu iede licença a Générá para lembrar êri que fassi táde, pa não chigá muito di noite; rio tem pouca água.

– Pois partamos, meu amigo.

E abrindo o bilhete, leu que era do visconde de Itahé, o mais poderoso colono da província, a quem fora especialmente recomendado, e que o mandava buscar na sua canoa, àquele sítio previamente indicado, pedindo-lhe mil desculpas de não vir ele em pessoa, por se achar sua mulher bastante mal. O bilhete era polido, e respirava toda a elegante simplicidade europeia: o que menos esperava encontrar o nosso viajante nos sertões do Brasil. Já com o fashionável trajajar do mordomo preto, se tinha ele admirado não pouco. O estilo do bilhete o preparou para ir encontrar um castelo de Monte Cristo no meio das florestas virgens da América.

Nem se enganava em seu imaginar.

O negro tomou conta do selim e arreios do cavalo que jaziam rio chão, e teimou por desapossar o general da sua maleta de viagem: mas não conseguiu, porque ele se defendeu com valor e perseverança da insistente officiosidade do Sr. Spiridião, dizendo que era o seu tesouro e a ninguém o confiava, nem a ele próprio, honesto Spiridião, posto que o tivesse na conta do mais honrado de todos os Spiridiões, e de mais fiel e seguro de todos os Cassianos.

Cedeu Cássiano di Mello, já reconciliado com a jovial urbanidade do viajante; entrou na canoa: e os índios, pondo o peito às varas, começaram a lutar eficazmente contra a corrente, impelindo a canoa com um vigor e destreza admirável.

CAPÍTULO 4: A CANOA

Navegaram assim obra de uma légua, já abaixo de um dossel de mangueiras que nasciam de dentro da água e iam juntar em cima as verdes e lustrosas copas, já entre as margens arrelvadas de capim e de outras viçosas gramíneas, esmaltadas de flores belas, entre as quais a begônia com suas folhas verde-brilhantes entremeadas de roxo, seus corimbos cor-de-rosa, sobressaía mais, ou dava mais nos olhos do apaixonado devoto de Jussieu e Tournefort.

Andando rio acima, crescia o sussurro das cachoeiras que iam ficando menos longe, e pouco a pouco se fez tamanho e tão forte que os ensurdecia. As perguntas do inquisitivo general a pai Cássiano, e as respostas deste, precisavam já de porta-voz, que reciprocamente se faziam com o oco da mão, e aproximando-se do ouvido um do outro para serem entendidos.

Todos os sinais da civilização, ou – como diria um discípulo de João-Jacques – da devastação do homem social, iam desaparecendo a mais e mais. Algum resto raro, algum vestígio duvidoso que pudesse descortinar ainda o olho esperto e exercitado de um habitante do país, era imperceptível ao do viajante europeu.

Esse sentia-se em plena floresta virgem, em pleno sertão imaculado, a sós com a natureza, em seus mais reservados e misteriosos penetrais. E abstraído dos quatro mudos e silenciosos remeiros índios que, ainda que o não fossem, pouco desdiziam do quadro selvagem e primitivo dessa abismadora paisagem; esquecendo-se de pai Cássião, de suas meias de seda e sapatos de verniz, e ainda até de sua apolvilhada carapinha, o nosso velho general, todo olhos para aquela opulência desperdiçada, para aquele luxo fastoso da natureza, nada mais via nem sentia.

Algum silvo de cobra, algum tinir de cascavel da serpente deste nome, o grunhido de algum tatu acobertado, ou o lamentoso gemido da preguiça apenas o advertia, de quando em quando, que não era ele o Adão, nem aquele o Éden das primeiras horas do mundo recém-criado.

Não o digo pela serpente; que essa entrou no primeiro, e entrará em todos os paraísos terreaux que em Velho ou Novo Mundo, em qualquer dos mundos possíveis, tenha havido ou venha a haver.

A noite tinha carregado no entanto, e os raios da Lua, que penetravam por alguma rara falha do arvoredado, já davam na espuma branca e refervida das cataratas e se refletiam na espelhada curva de sua queda, que não tinha, por certo, a grandiosa e tremenda majestade do Niagara; mas caíam com uma graça, rodeavam-se de uma amenidade tal, que àquela hora, sobretudo, era fascinante.

Os índios arribaram a canoa, toda de encontro à margem direita do rio; o europeu e o africano desembarcaram; e os quatro aborígenes, metendo-se na água, vararam a canoa numa espécie de arealito que mais para um lado se fazia, e tomando-a às costas, deitaram a caminhar ribeira acima, como se levassem umas andas.

Atrás deles o general com o seu condutor, que lhe ia explicando o motivo daquela manobra, aliás não difícil de compreender.

A ligeireza das canoas permite aos navegantes do interior levarem-nas por terra, a braços, para salvarem as cachoeiras na subida e descida dos rios, e, tornando a entrar com elas na água a distância conveniente, seguirem diretamente sua viagem, até encontrarem outro obstáculo semelhante, que semelhantemente hão de evitar.

É o que não tardaram a fazer os quatro índios, que dali a pouco já tinham outra vez a sua canoa flutuando nas águas do rio, eles dentro com suas varas, e a prancha deitada à ribeira para tornarem a embarcar o viajante branco e o seu negro condutor.

Embarcaram; e a canoa seguia cada vez com menos dificuldade e trabalho para os que a impeliam, porque o rio se ia fazendo mais plácido, espriando mais, e também rareando mais para o lado direito a espessura do arvoredado, que mostrava não sei quê de menos selvagem, e parecia de espaço a espaço deixar entrever certos indícios de alinhamento, a que não podia ser estranho o homem, e que não desfigurava todavia a natureza.

Andando assim mansamente, ao montar de um cabo em que a sinuosidade do rio toda se torcia para o outro lado, houveram vista de muitos fachos de luz que se moviam no interior das terras e se dirigiam para a margem do rio.

– Stá acábádo nosso viage – disse o preto.

– Pois quê?! E que luzes são estas? – perguntou o general.

– O palácio é ali – respondeu o negro, apontando para a esquerda, que era a margem direita do rio, e de donde as luzes vinham. – Esse é scavos e cárruáge de meu Sió, que vem buscá Sua Esserença.

Dali a poucos momentos com efeito a canoa tinha parado; e, quase ao mesmo tempo, o general distintamente viu rodar até quase à beira da água uma elegante caleche inglesa com suas lanternas acesas, tirada por dois nobres ruços rodados; volantes adiante, estribeiros ao lado, archotes na mão.

Um luar brilhante iluminava, além disso, a paisagem, que oferecia o mais estranho e inesperado quadro que, no meio das matas do Novo Mundo, poderia imaginar-se.

CAPÍTULO 5: A CHEGADA

Era em verdade para surpreender o quadro magnífico que se desenrolou diante dos olhos do general: um imenso parque inglês, cortado de sinuosas e bem saibradas ruas, com lagos e pontes, quiosques e estátuas, templos e ruínas, com todos os vários e disparatados acidentes e ornamentos que são de rigor em tais casos, e que a arte europeia imitou dos caprichos da chinesa.

O francês pasmava do que via – e a ideia de se ver transportado, por um golpe de varinha de condão, de pleno Brasil para Windsor, para Eagley-park ou para Stonhouse, ia-lhe parecendo menos absurda de momento para momento. Sonho, visão, ilusão dos sentidos!... deixou-se ir com ela, fosse qual fosse e como fosse. Saltou da canoa em terra, e logo para o estribo da caleche que o fulo automedonte boleara até quase rente da água. Um laçao mulato abriu a portinhola e logo a fechou e levantou o estribo.

Spiridião Cássião subiu para a almofada, e a caleche partiu a todo o trote por uma das largas ruas do parque. Galopavam ao lado os dois estribeiros, adiante os volantes, todos com archotes de cera nas mãos, que parecia um préstito e cortejo real.

Foram andando, andando, como dizem as histórias de fadas e princesas encantadas: mas palácio, casa, ou coisa que com ela se parecesse não a via o nosso general. Estava já a ponto de sair de sua habitual reserva de bom gosto e polidez, e quase descendo, como um bom burguês, a interpelar diretamente o prognóstico e pespontado Spiridião, quando a carruagem, passando por um maciço de árvores altíssimas, desembocou numa espécie de largo, donde clara e distintamente se via, situada a pouca distância, a meio de uma suave ondulação do terreno, abrigada de três oiteiritos que a rodeavam, uma verdadeira aldeia de Suíça. Muitas casas pequenas, e, ao parecer, destacadas, com seus tetos de colmo, suas balaustradas exteriores de troncos rústicos, formavam o lugarejo, que, para de todo se caracterizar, tinha no meio sua igreja com alto campanário e adro plantado de araucárias, e pinheiros de tão alpino aspecto que fariam cantar o ranz das vacas a qualquer emigrado do monte Branco ou do São Bernardo. Por entre as árvores, as sepulturas com suas cruces à cabeceira, seus rústicos monumentos de singela piedade.

A carruagem subiu por umas alamedas tortuosas, que melhor se poderiam chamar um lacete bordado de árvores, até às primeiras habitações da aldeia, e parou à porta da que parecia a maior delas. Imediatamente se abriram ambos os batentes da porta da que exteriormente figurava uma grande choupana, mas que em seu interior, agora patente, mostrava um magnífico vestíbulo, esplendidamente iluminado, e no qual se perfilavam duas alas de lacaios, elegante e ricamente vestidos; calção e meia branca, farda escarlate agaloada de ouro, as mãos alvíssimas, porque todos as tinham dentro de luvas escrupulosamente brancas, não menos alvas as cabeças porque estavam artisticamente apolvilhadas, branco o dente e branco tudo o mais: o que singularmente aumentava o efeito das retintas negras caras, que outra estranheza não tinham senão a cor; pois não eram disformes as feições – de negros, só tinham ser negros.

No momento em que o respeitável Cássiano di Mello i Mattôss, com o chapéu pendente da mão esquerda, oferecia o braço direito ao general para se apeiar da caleche, atravessara à pressa por entre as filas dos lacaios e se dirigia para a porta um homem, não velho, antes moço do que velho, mas naquela duvidosa têmpera dos quarenta aos quarenta e tantos, em que um desgosto de mais que venha, uma enfermidade que por pouco se agrave, de repente se cai na velhice: isto é, os que caem, porque outros há que deitam âncora nessa perigosa enseada e por tal modo se economizam, se cuidam e acautelam que antes dos setenta não chegam a velhice. E fazem muito bem!

Este homem vinha simplesmente vestido; pantalona branca, meia de seda e sapato, a gravata e o fraque pretos, as mãos calçadas de legítimas Boivins espelhentas e perfumadas – Mil perdões, meu general! – disse ele arredando o braço de Cássiano e substituindo-o por sua própria mão que deu ao viajante para descer –; mil perdões de o não ir receber à entrada de nossas fronteiras, e de o esperar aqui com esta aparente sem-cerimônia.

Mas tive hoje um dia tão amargurado! Passei-o em sustos ao pé de minha mulher; e só agora... Mas a sua chegada traz-nos alegria e esperança. Vamos festejá-la com o dobrado prazer, porque minha mulher está boa inteiramente boa; melhorou como por encanto.

– Senhor visconde, não tenho palavras com que agradecer tantos extremos. Nem as minhas ideias, a falar a verdade, estão ainda bem claras, porque tenho vindo de maravilha em maravilha.

– Estranhou o nosso parque inglês no meio destes matos selvagens? Ou talvez estes meus *cottages* aqui? Estas são maravilhas bem simples, general. Foi um inocente capricho de minha mulher, a que acedi com muito gosto, porque também a mim me seduz o casto esplendor da elegância britânica... E, se é que não ofendo alguma suscetibilidade nacional...

– Como assim, visconde?! Em Paris, bem sabe, as nossas casas, as nossas carruagens, os nossos cavalos, até o nosso traje, tudo é inglês.

– Verdade é, que para os confortos da vida...

– Material...

– Pode ser; não questiono mais agora. Mas não deserto o meu posto; hei de entregá-lo a minha mulher para o convencer.

– Oh!, então já me dou por vencido e convencido.

Tinham atravessado quatro salas, todas mais suntuosas e elegantes umas que as outras, e providas com profusão de tudo o que, obedecendo aos variáveis caprichos da moda, inventa cada dia a imaginação dos primeiros artistas de Londres e de Paris para regalo dos sentidos e satisfação da vaidade humana. Cássiano seguia a respeitosa distância, levando a maleta do general, que ali enfim se vira obrigado a confiar-lhe.

Chegavam aonde parecia o mais interior da casa:

– Abre essa porta – disse o visconde ao negro – e acompanha o general ao seu quarto. Tomaremos chá quando o general estiver pronto e nos queira fazer companhia.

Despediu-se com uma cortesia elegante o visconde, mas acompanhada de uma expressão da fisionomia tão aberta e cordial que o francês entrou já fascinado para o seu quarto.

CAPÍTULO 6: A SALA

Não sabia o general que pensar de quanto via e ouvia: tudo o enchia de admiração, e tudo excitava as mais fortes simpatias de sua alma. Já estava ansioso por conhecer intimamente uma família cujo chefe o recebera por tal modo, e que vivia num sertão da América, rodeada de todas as elegâncias das primeiras capitais da Europa, misturando uma opulência de príncipes com uma simpatia e cordialidade de patriarcas.

Mas era preciso vestir-se. Abriu a sua mala, sacou primeiro e depositou cuidadosamente na gaveta de uma secretária o seu querido *Hortus siccus*. Depois fez tirar o fato que lhe era preciso; e com o auxílio do honesto Cássião, que se mostrou, como era, um inteligentíssimo guarda-roupa, vestiu a rigorosa calça branca, o colete de casimira acamurçada e o fraque preto com a roseta obrigada do inevitável *cordón-rouge* – São Luís ou Legião de Honra, ordens ainda então quase confundidas, porque os Borbons tinham ressuscitado uma, sem se atreverem a destruírem a outra, e os mais acérrimos bonapartidas não cobiçavam menos a cruz do rei santo, do que os legitimistas mais puros intrigavam para obter a estrela do imperador proscrito.

Está vestido e pronto o nosso general; precede-o Cássião para o guiar ao salão; e um criado branco que está na sala anterior, abrindo ambos os batentes da porta, anuncia:

– Sua Excelência, o senhor General, Conde de Bréssac!

Se os vários aposentos por que tinha passado o viajante competiam uns com outros, em esplendor e magnificência, este era o modelo da elegância, da simplicidade e do gosto. Oiros nem sedas não as havia ali; e à primeira vista, toda a sua mobília e adereços pareciam de pouco preço, porque a suntuosidade e a riqueza se escondiam sob as formas mais modestas; recatava-se o luxo como um timidez que lhe dobrava as graças e a sedução.

Eram de fina escaiola brunida as paredes e o teto, tudo de um branco-mate-azulado, aljofarado, tendendo a cor de cinza, e realçado por estreitas cintas de vivo escarlate; as cortinas, de cima, de caxemira da Índia da mesma cor, apanhadas por largos torçais de seda branca, e assentando sobre outras cortinas de finíssima Bruxelas, que, todas caídas, deixavam penetrar a viração da noite, tão necessária naqueles climas.

Dois esplêndidos Ticianos, vários Teniers com dois belos retratos de homem, dois de mulher, e outro de uma menina que mostrava de nove a dez anos, tudo encaixilhado em primorosas mas singelas molduras inglesas, eram os principais ornatos das paredes. Postos como à sombra deles, pendiam vários desenhos, aquarelas, esbocetos a óleo, mais ou menos acabados e modestamente enquadrados em papel. O chão, pintado à flamenga e por mão de mestre, representava um estranho capricho do pintor ou do dono da sala; parecia juncado das mais raras flores e folhas – umas inteiras outras desfolhadas; e não se diria senão que os jardins das quatro partes do mundo tinham sido postos a saque pelos gnomos, pelas fadas, silfos, duendes, e toda a mais corte e casa da rainha Mab, que ali as tinha vindo espalhar, para dançar sobre esse tapete fantástico suas aéreas danças.

No meio da sala um paté, ou divã redondo, igualmente forrado de caxemira, coroado por um elegante vaso de Sèvres em que viçavam e recendiam belas e variadas flores.

Sofás e cadeiras de todos os feitios e prestando-se a todas as posturas que pode imaginar a fantasia do conforto; um excelente piano de Erard, caixa de boule; mesas de todas as qualidades, esta de bronze com mosaico, aquela de boule, outra com pano de veludo, estoutra de charão preto realçado pelas vivas cores de quanto há mais raro e brilhante na flora siamense, ou cochinchinense.

Sobre todas essas bancas, livros preciosamente encadernados, gravuras, anuários, as ilustrações de Londres e de Paris, a escolha dos jornais literários de quase todas as línguas, brochuras, folhetos, estatuetas, modelos em bronze e em jaspe dos principais monumentos da Europa, bustos, ao sério ou em caricatura, dos principais personagens do mundo civilizado, tudo disperso, confuso, na bela e poética desordem da ode de Boileau. E como a reserva deste exército de bricabraque, duas largas prateleiras – *etagères* – de ébano, marchetadas de madrepérola, continham, em não menor desordem nem menos pitoresca disposição, mais livros, e uma infinidade de *non-descriptuns* como raras petrificações, curiosos fósseis, infinitos monstros e caprichos do reino vegetal e animal – antiguidades, rococós, prodígios da moderna e da antiga Sèvres, raridades da velha e da nova Saxônia, maravilhas da escultura florentina, relíquias da arte egípcia, grega, etrusca, romana – misturadas com os feios e laboriosos partos da imaginação chinesa.

Dois maciços candelabros de prata carregados de velas de cera iluminavam todas estas elegâncias; e apesar da brisa, que entrava no aposento por todas as janelas, abertas de par em par, ardiam tranquilamente, obrigadas por largas mangas de cristal que protegiam e aumentavam suas luzes.

Levantou-se o visconde ao ver entrar o seu hóspede, e indo-lhe ao encontro, o tomou pela mão e o conduziu ao pé de uma jovem senhora que na Europa mostraria ter de dezoito a dezenove anos, mas que não tinha mais de quinze: tão precoce é a natureza naqueles climas.

– General, minha filha Isabel. Filha, apresento-te o General Conde de Bréssac, particular amigo do nosso Fernando, e que o há de ser nosso, porque já lhe queremos e o estimamos muito.

– E há bem tempo o estamos esperando senhor General! Já nos tardava.

O velho francês, com a sua habitual galantaria de antigo regime, tomou a mão que lhe oferecia Isabel; mas em vez de a sacudir inglesmente, se inclinou com respeito e a levou aos lábios.

Sentaram-se os dois juntos donde estava Isabel, abrindo e folheando não sei que nova brochura recém-chegada da Europa – alguma coisa de Lamartine seria, que era o favorito –, e começaram a entreter-se dos últimos acontecimentos do Velho Mundo, dos destinos e das esperanças do Novo; falaram das coisas e dos homens, e por fim vieram a falar de Fernando, do tal primo Fernando, a que ainda agora tinha aludido o visconde quando apresentara a sua filha o general, que por ele viera recomendado.

Mr. de Bréssac tinha conhecido na Alemanha este Fernando, sobrinho do visconde, único sobrinho que tinha, e filho também único de uma irmã adorada, querida e venerada como mãe, que o criara a ele, órfão desde o berço.

Apesar da diferença de idade, porque o general tinha mais de sessenta, e Fernando não passava de trinta e cinco, tinha-os ligado a conformidade de gostos e uma simpatia poderosa na mais estreita amizade. O jovem português viajava desde a idade de vinte e quatro anos, com autorização e a largas expensas do tio do Brasil, que o habilitavam a viver na elegância e a frequentar a primeira sociedade em toda a parte onde sé achava.

Em 1827, De Bréssac, legitimista de opinião e liberal de sentimento, tinha ido oferecer a sua espada, ociosa na Europa, à independência dos Helenos. Fernando de Almeida, entusiasta como jovem e como poeta – que tinha esse defeito –, o acompanhou na qualidade de ajudante-de-ordens. Ambos foram feridos defendendo a bandeira da cruz e da liberdade contra a bruteza do Alcorão e do despotismo. Mas desgostosos das intrigas políticas, das mesquinhezias ridículas, das torpezas feias que viram chover de toda a parte para anular e deturpar o mais belo esforço do século XIX – a ressurreição da Grécia –, ambos se despediram do serviço e voltaram à França. Aí se separaram.

O português foi visitar a Itália, e comparar outro povo adormecido à sombra do Coliseu e da Coluna de Trajano, com o que vira entristecido nas ruínas do Hipódromo e do Templo de Diana.

O velho francês escandalizado da Revolução de 1830, que por então ocorrera, profundamente indignado com o que ele chamava a ingrata perfídia de Luís Filipe, que traíra a legitimidade, e falsificara em todo o sentido o que podia ter havido de justo ou resultar de proveitoso daquela revolução; deixou o seu país e resolveu ir entregar-se, nas solidões da América, à sua ocupação mais querida e predileto estudo – a Botânica.

Correra já grande parte do Brasil, e atravessando agora por terra, da Baía para Pernambuco, mandou ao visconde de Itahé, antes de empreender o difícil trajeto, a carta em que Fernando tanto o recomendava a seu tio. A resposta foi um pedido da maior instância para que viesse passar alguns dias com a sua família, que o receberia como um amigo íntimo e quase parente, e indicou-lhe como e aonde devia achar-se a fim de ser conduzido até a sua habitação. O general foi, por dias contados de terra em terra, de engenho em engenho, até que na última aldeia o acomodaram com aquele cavaliño costumado ao trânsito, em que vimos dirigir-se à margem do rio, onde sabia que havia de vir buscá-lo a canoa do visconde.

CAPÍTULO 7: INTIMIDADE

Todas as circunstâncias que acabam de referir-se eram de há muito sabidas dos três: mas explicadas e comparadas agora, deram assunto à conversação que entre eles se estabeleceu e que mais e mais se foi tornando íntima e cordial, e

tão suavemente expansiva, que pareciam amigos de infância, indivíduos de uma mesma família que há muito se não encontram, e que reciprocamente se estão dando conta de sua vida e aventuras, se repetem as saudades que tiveram e o prazer que sentem em se tornar a ver reunidos.

O general falava com entusiasmo do seu jovem ajudante-de-ordens, da sua bravura, da sua elegância, de seu muito e ornado espírito, do bem formado de sua alma.

Isabel escutava com vivo interesse; o visconde, vinham-lhe as lágrimas aos olhos. E ora o pai, ora a filha repetiam ao velho amigo as expressões de afeto, de admiração apaixonada com que Fernando falava em suas cartas do seu querido e amado chefe.

– Por estes dois anos aqui o teremos – dizia o visconde, saltando-lhe os olhos de alegria –; estarão concluídas as suas viagens, e será tempo de se recolher, de vir viver enfim no seio de sua família. Fernando não teve outra, de pequeno foi órfão como eu; e nós somos hoje os únicos parentes chegados que tem. Eu não sou muito mais velho que ele, mas servi-lhe de pai: e contudo pode-se dizer que o não conheço, só o vi em criança.

– Assim me disse ele, que fora muito pequeno para o colégio em Inglaterra.

– Mande-o, não tinha ele treze anos, e já eu estava no Brasil. E quando fui de visita a Portugal haverá dois anos, não chegamos a ver-nos, porque... Mas isso é mais comprido, e toca na política do meu desgraçado país natal... de que tomara eu esquecer-me para sempre... Não, esquecer-me não, dessa pobre terra, que a amo com toda a profunda ternura de minha alma. No meio destas opulentas regiões, parece que avivam e pungem mais as saudades que dela tenho. Não, general, esquecê-la, jamais! Mas esquecer-me dessas misérias, dessas torpezas, dessas mesquinhezias vis, dessas intrigas baixas, invejosas que lá chamam política, e a que tudo sacrificam grandes e pequenos, altos e baixos, tudo, tudo. Lá tudo é assim; e a quem não é assim detestam-no e perseguem-no. Morrerei sem a tornar a ver, a minha terra! Morrerei desconsolado e antes do meu tempo talvez! Os meus ossos aqui ficarão no exílio!...

– Papá, papá!, exclamou Isabel tomando-lhe a mão.

– Perdoa, filha; tens razão de me arguir: é feia ingratidão chamar exílio à tua terra, à da tua boa mãe... Como está ela, tua mãe, agora?

– A mamã ficou-se vestindo para vir para a sala, e não pode tardar. Passou-lhe de todo: o papá bem sabe o costume. Não sente senão aquela debilidade extrema. Mas hoje nem isso: está animada, contente.

– É um mal inexplicável o seu, os médicos não falam senão em nervos. O costume, quando não entendem. Mas eu vejo-a consumir de dia para dia. Vai tu lá, Isabel, vai ver como ela está agora; e se a vires melhor, explica-lhe quem cá temos, e...

– Ela sabe, papá, e não tarda aí. Mas eu vou.

Isabel levantou-se, e atravessou rapidamente a sala, mas com certa moleza graciosa, que deixou o general encantado de sua figura, a qual se tinha algum defeito era o de uma leve inclinação a arredondar-se, a suavizarem-se de mais as linhas de sua perfeita simetria. A cintura de vespa, o colo alto, os dedos afilados, largos e fortes os ombros, o seio túmido e os braços torneados. Era branca por extremo, mas pálida; os olhos castanho-claros, de grande brilho mas pouca vivacidade. O cabelo da mesma cor, porém com um reflexo tão doirado que à primeira vista podia passar por loiro, caía-lhe em longas espirais que naturalmente se anelavam sem se encrespar, e lhe caíam em vasta profusão pelos ombros e pelo seio.

Uma túnica azul, ligeira e transparente, realçava a beleza e – permita-se dizê-lo no mais inocente sentido – a morbidez lasciva daquelas formas sedutoras que, se as animasse mais alguma rosa, se as não velasse o casto véu de uma palidez melancólica, arrebatariam mais desejos do que admiração e sentimento.

Não era uma beleza romântica: pesa-me confessá-lo. Silfa de Walter Scott, não era; fada de Shakespeare não podia ser; mas tal como as plasmava Homero, como as metrificava Ovídio ou Tibulo. Não lhe posso valer, era assim. Bem sei que a deusa da moda se chama Magreza; que as Giselas e as Ondinas expulsaram Vênus e as Graças, e reinam transparentes e diáfanas nos corações ascéticos dos nossos macilentos Antonys.

Mas não lhe posso valer, repito. Era assim Isabel: e eu escrevo uma história, não faço versos à Lua, debruçado nos balcões ideais de uma criação caprichosa e

imaginário estilo... devorado pelo verme roedor dos negros pensamentos que baloçam tristemente ao vento da solidão no crepúsculo da noite... etc., etc., com três versos na mesma rima seguida, e um agudo depois em ão, coração, desesperação ou semelhantes... e embasbacado fica o Grêmio Literário, o Centro Comercial e não sei se a própria Academia também – depois de regenerada.

Os olhos dos dois recém-feitos amigos seguiam com prazer a graciosa forma de Isabel; que, levantando um reposteiro no fim da sala, ia sumir-se no interior da casa, quando volvendo atrás e tornando a levantar a cortina, disse, voltando-se para eles, com angélica expressão de alegria:

– Aí vem a mamã! Aí vem a mamã!

E, segurando bem alto as pregas da caxemira que tinha na mão, se pôs de lado em atitude de quem dá lugar a outrem pata que passe.

CAPÍTULO 8: A DOENTE

Sentiu-se na sala o rodar lento de uma cadeira de braços no próximo corredor, e logo apareceu no limiar da porta e entrou efetivamente no aposento numa vasta poltrona amplamente estofada, e nela languidamente recumbente a figura extenuada, mas bela, da inválida viscondessa.

Um roupão – *peignoir* – de finíssima cambraia de linho, bordado de ramos soltos, guarnecido profusamente de Mames, e froixamente cingido de um cinto de seda cor de hortênsia, assentava sobre uma túnica da mesma cor. Laços do mesmo no pescoço; e uma touca que cientificamente lhe enquadrava o rosto alongado pelo padecer, mas interessante quanto ser podia. Os olhos pretos, cintilantes de toda a vida que ali se tinha concentrado... ali, e no coração, por onde só vivia. Assim, trazia o rosto animado, a boca risonha e expressiva – e só as mãos magríssimas, cor de cera, descaídas froixamente no regaço, e que pareciam as de um defunto.

Duas mulatas – genealogicamente falando, mas brancas em toda a aparência – vestidas com a mais apurada coqueteria de uma soubrette francesa, a coifa de rigor dissimulando o excessivo riçado dos cabelos, o avental e todas as outras

denguices do apetitoso costume, eram as que vinham rodando a cadeira de sua senhora; e com verdadeiro cuidado o faziam porque deveras a amavam.

Ao entrar porém na sala, foi o marido e foi a filha que tomaram conta da caldeira e de a dirigir para o sítio favorito e costumado que era ao pé de uma larga janela de arco, saída e coberta, de donde se respirava a brisa perfumada e suave que vinha dos jardins, e que não havia aroma nem fragrância que não trouxesse para a reanimar.

Ali a colocaram e lhe puseram sua almofada aos pés, e lhe arranjaram, como ela gostava, as cortinas da janela, e dispuseram os candelabros de modo que lhe não desse luz de mais. E enquanto um e outro se ocupavam à porfia em torno dela:

– Como te sentes agora, Maria – disse o visconde –, estás melhor?

– Tão bem que me parece impossível o mal que estive todo o dia. O calor é o inimigo; sinto-me renascer com a fresquidão da noite.

– E o general – acrescentou olhando para o hóspede – escusas de mo apresentar; reconheci-o logo pelos retratos que temos dele. E verdade, senhor general, as cartas de meu sobrinho Fernando, há anos a esta parte, quase que não contêm outra coisa: as suas feições, as suas qualidades, tudo já antes de o ver, sabíamos de cor.

– E na sua língua dele, par coeur.

– É verdade, filho.

O general respondeu, como bom francês e francês de boa companhia, a estes cumprimentos afetuosos que lhe iam direitos ao coração, e o prendiam àquela família que apenas começava a tratar, como se nascera no meio dela e tivera parte em seu sangue.

A admiração de encontrar gente assim, com uma casa assim, num trato de vida como aquele, entre colonos americanos do Sul, não tinha pouca parte na fascinação que sobre ele exercia quando o rodeava. Não o surpreendia a riqueza, o fasto de gente que sem dúvida contava por milhões seus haveres imensos. O visconde de Itahé era conhecido e nomeado em toda a parte por ser talvez o mais rico proprietário do Brasil, senhor de inumeráveis engenhos, de

minas de brilhantes ultimamente descobertas em suas vastas possessões; e capitalista cujos imensos fundos estavam espalhados por todos os brancos da Europa e da América, cuja firma em qualquer parte do mundo valia como ouro em barra. O que o confundia era a elegância, eram as maneiras, era o bom gosto com que, em meio dessa profusão de riquezas quase fabulosas, aparecia uma simplicidade de grão senhor, familiarizado com a opulência e superior a ela. As suas ideias e prejuízos de fidalgo velho transtornavam-se; as *parvenus* que vira em toda a parte não eram assim.

É que há uma fidalguia de alma que nem sempre falta ao que chegou por si à grandeza, assim como nem sempre vem aos que a herdaram de seus antepassados.

Veio o chá. Isabel fez as honras dele com sua graça indolente e mesurada. A noite passou-se numa conversação íntima, cheia de encanto e abandono, porque todos procuravam agradar, nenhum brilhar. O espírito vinha, quando vinha, trazido pela mão das Graças, sem estudo, sem pretensão nem trabalho, como verdadeiro filho de boa família, que sabe entrar numa sala sem pisar os pés à gente, rasgar os vestidos às senhoras, e acotovelar a companhia para que o admirem e aplaudam, como faz o espírito bastardo e *parvenu*, que se não contenta do sorriso, do gesto agradável que ao outro basta – quer a gargalhada das turbas, os pontos de admiração pasmada das néscias preciosas, que a cada sandice pedante exclamam *du Grec ma soeur!*

Fez-se tarde. Vieram criados com bandejas de fiambres; vinhos finos e todos os restaurantes usados. O general não quis tomar nada, como homem que só comia duas vezes ao dia.

À doente trouxeram-lhe uma xícara de caldo que ela pareceu beber com gosto. E o visconde e a filha trocaram sorrisos de satisfação e de esperança vendo-a, pela primeira vez há tantos meses, tomar com visível prazer aquele alimento de que, só à força de rogos e com manifesta repugnância, raro conseguiam fazer-lhe engolir algumas enfiadas colheres.

Deram-se as boas-noites, separaram-se, e foi cada um ao seu quarto: a família brasileira positivamente namorada do velho general; ele jurando, por quantos santos azuis e cinzentos tem a ladainha das juras francesas, que em toda a Europa não havia gente como aquela, nem tão amável, nem tão alegre, e que

tão bem soubesse reunir, no trato da vida, o *comme il faut* de grão senhor com a afetuosa expansão das classes menos elevadas e mais singelas.

CAPÍTULO 9: DE MADRUGADA

Ainda não eram as cinco da manhã no outro dia, já o hóspede francês estava de pé, já se fazia suas abluções escrupulosas, e se vestia com a singela elegância de uma toilette matinal. Sentiu baterem-lhe mansinho à porta.

– Entre! – disse. E entrou, já todo, àquela hora, de ponto em branco, ou mais exatamente de ponto em negro, o nosso respeitável amigo Spiridião, que tinha sido expressamente detalhado para o serviço do general, em atenção à sua conhecida capacidade como guarda-roupa, barbeiro, cabeleireiro, e – o que ele mais presumia – a ter estado um ano em França em companhia de “Sió moço”, o qual Sió moço era Fernando de Almeida, a quem fora levar a Paris certos papéis importantes que lhe mandara o tio, que só de Cássiano os fiara. E o dito Sió moço tinha gostado tanto da caturra importância e das outras muito sérias e excelentes qualidades de pai Cássiano que não quisera largar de si, nem deixar voltar à América o negro: em triunfo o que queria passear por todo esse Norte da Europa no pescante de sua sege de posto. De puro frio e de puras saudades adoeceu em Paris; que foi preciso tratá-lo a caldos de papagaio, e embarcá-lo a toda a pressa para a Baía, onde chegou ainda doente, mas tão secante com o que vira em Paris, com as suas descrições dos boulevards, do Palácio Real, das Tulherias, que ninguém o podia aturar.

Os ares do Brasil, sua segunda pátria, a primeira fora Cabinda, breve o curaram da nostalgia, mas da secância nada o curou.

O mesmo ficou sempre: aquele mal francês – mal moral se entende – tornou-se constitucional e inextirpável em Spiridião.

Oiçamo-lo falar ao nosso viajante.

– Peço perdão, Générá. Sió mandá dizê qué si qué dá um passéo com êri no páqui anti d'amoçá. E si quê i a cáválo ou de cabrióla.

– Cabriolas?, meu amigo! Deus me livre! Estou muito velho para isso. Irei antes a pé se... se teu amo não cansa...

– Cansa, não cansa não. Sió Visconde é caçadô. Más êri dizê si qué antes caréche ou cabrióla.

– Nem carecha nem cabriola, não – disse o bom do general, imitando a meia língua do negro.

O que tanto lisonjeou o pai Cássiáno e tão agradavelmente lhe titilou os nervos que rompeu com a gravidade de seu caráter, abriu uma dentuça que chegava de orelha a orelha, e desatou uma imensa gargalhada que degenerou por fim numa trovoadade de tosse acompanhada de crebros e crepitantes espirros.

O francês ria que chorava. Spiridião voltou pouco a pouco, mas com frequentes recaídas, à sua habitual e respeitosa gravidade.

– Peço perdão, Générá: não pódi contê. Más tem um modo de dizê tão ingrácado, que um homi não pódi... – E engolindo outro ataque de riso e de tosse que lhe sobrevinha, cortejou profundamente, e foi levar a resposta a seu amo.

No entanto o general saiu do quarto, dirigiu-se às salas e foi encontrar o visconde, que o vinha buscar em verdadeiro traje de colono: o chapéu de palha desabado, a calça de riscas, e a véstia de abas – ou, se preferem, a quinzena do mesmo.

– General – disse o visconde apertando-lhe alegre e afetuosamente a mão –; General, decididamente a sua vinda trouxe-me ventura. Minha mulher passou a noite admiravelmente: e eu sinto-me outro homem de a ver melhor.

– Se bastasse a força de vontade para obrar prodígios, não haveria milagre que eu não fizesse nesta casa, visconde.

– Bem o creio, meu amigo.

E apertou-lhe cordialmente as mãos ambas com a sincera expressão de uma amizade que por momentos crescia e os ia estreitando cada vez mais.

O visconde abriu uma janela rasgada, ou porta de vidros que dava para o parque, e saíram.

CAPÍTULO 10: O PARQUE

À admiração do General, ao ver claro agora e iluminado pelos raios do sol nascente o grandioso espetáculo apenas intervisto na véspera à noite, não achava palavras em que se expressar, nem as tenho eu para as reproduzir.

Ficou imóvel, estático, absorto na contemplação de belezas que a Arte e a Natureza se não deram ainda assim as mãos para criarem outro sítio da Terra.

O terreno descia em volta da casa num declive suave, todo arrelvado e florido, mas florido numa variedade de cores e de formas que não alcança a imaginação de um europeu. A proporção que se alongava o terreno, cresciam os arbustos em ramalhetes, em pequenas moitas; depois em maciços mais espessos, até dar em árvores altas e copadas, cheias de frutos e de flores; mas onde as árvores eram maiores, e rareavam mais, deixavam estender a vista por avenidas imensas, umas direitas que se perdiam por elas os olhos, outras sinuosas, mas que todas iam sumir-se longe e muito longe na impenetrável escuridão das matas virgens do interior. Algumas eram largas estradas que levavam aos engenhos, às roças, aos canaviais imensos, aos cafezais, às vastas plantações de tabaco, de mandioca, de algodão. Obra de duas léguas quadradas em redor da habitação, girava um fosso profundo, intransitável para os animais ferozes, e que de dia se passava em pontes móveis, sempre guardadas, e à noite cuidadosamente fechadas.

No centro quase do terreno um vasto lago natural, aperfeiçoado e embelezado todavia, de contínuo se renovava com um riacho considerável que ali vinha ter, e com a saída de muitos regatos que iam serpeando por todo o parque levar a frescura e o principal alimento a toda essa pasmosa vegetação, correndo por entre o viço das flores e das relvas. As grandes massas de árvores eram indígenas, primitivas; eram as mesmas das florestas selvagens, mas desassombradas em grupos isolados, e mais belas assim. As menores e muitos dos arbustos eram da Europa, da África, da Ásia, da Oceânia. Flores e relvas por entre isto tudo e estátuas e templos.

Os quiosques turcos, as ruínas italianas, torres góticas, pagodes índios, ermidas portuguesas, pórticos mexicanos, agulhas egípcias, mirantes chineses, e palhoças de várias nações de África e da América; cada coisa tinha sido colocada

na disposição de terreno que mais apropriada parecia, e ao pé das árvores e das flores naturais dos países que representavam.

– Vejo que admira o nosso parque, general – disse o visconde.

– E um prodígio, é a coisa mais bela que tenho visto.

– Há aí muita coisa bela com efeito. Mas eu não tenho aqui outro mérito senão o de o ter mondado com alguma arte, e sinceramente digo que me parece com algum gosto também, das demasias de vegetação natural. Cortei por onde fazia jeito, deixei todas as árvores mais belas, até os próprios arbustos; as lia-nas e o mato baixo, deixei-o em muita parte. Fiz sangrar o rio próximo e derivar dele essa ribeira que aí vem ter, porque a água da lagoa era quase estagnada. E com um pouco de capim que por aí se plantou, umas socas de bananeiras que por aí se meteram, umas laranjeiras e uns limoeiros, que se dispuseram com algum gosto, e um bom jardineiro que mandei vir de Escócia, e que ao principio fazia tudo atravessado mas que por fim calhou com os descontos do clima... tudo ficou feito em menos de dois anos.

“Os outros dices de estátuas, pontes, ruínas e mais acessórios do parque inglês são coisas da minha pobre Maria Teresa... Coitada!, que tão brasileira é no coração, mas tem a cabeça anglo-gala; meia em Londres que ela admira, meia em Paris que é a sua segunda pátria. Foi educada ali de muito pequena.

– Ah!, foi educada em Paris?

– Sim, no Sacré-Coeur.

– No Sacré-Coeur! É possível?

– De nove anos para ali foi.

– Nove anos! A mesma idade de minha filha.

– Pois tem uma filha, general?

– Filha... quando digo filha, é porque o meu coração a adotou. E se me nascera em casa, nos meus joelhos, não a adotara, não a estremecia mais. Quanto dera para que a visse, visconde, a minha bela, a minha divina Helena! Como tem estampada no rosto e na figura a grande raça de seus maiores!... Mas são

contos largos, meu amigo; é uma história para se contar devagar, o como eu herdei esta órfã de uma família que pereceu toda inteira numa dessas tremendas hecatombes da guerra da Grécia... Toda, sem ficar senão esta criancinha de nove anos... Funestas recordações! Dolorosas saudades de um tempo que passou, coroadado de mais espinhos do que rosas... mas que lembra, apesar disso! Lembra e há de lembrar até o derradeiro dia da existência.

O general entristeceu. Diante daquelas saudades que lhe anuviavam os olhos, a Natureza já não sorria, a matiz dos prados, o aroma das flores tinha perdido o seu encanto. Caminhava lentamente em silêncio pela silenciosa fresquidão daquelas ruas, acompanhava-o o português sem dizer palavra, e assim chegaram à borda da lagoa.

Ali eram tantos os pássaros aquáticos e tal a bulha que fizeram ao chegar dos dois que forçoso foi ao velho viajante sair do seu pesadelo acordado, e deixar-se distrair pela folgazã alegria da Natureza.

– Meu amigo – disse ele voltando-se para o visconde e apertando-lhe afetuosamente a mão. – E preciso ser indulgente com os velhos, que já não vivem senão do passado... Mas estas são palavras ocas e de tarifa e no meu caso falsas. Eu tenho mais futuro do que passado... e um futuro que me ocupa muito, que me faz desejar e apreciar a vida. É a minha Helena, de quem tenho que cuidar, de quem preciso ser pai e ser mãe, porque ela não tem senão a mim neste mundo... Animo e alegria!, que de tristezas morre a metade da gente que morre. Que bonito está isto! Que viçoso, que admirável!

E com a elasticidade das grandes organizações superiores repeliu de si a melancolia e desalento que o prostravam, e ganhou seu natural equilíbrio de bom humor, de jovialidade, que fazia dele o mais amável e sedutor general velho que ser podia.

CAPÍTULO 11: O PALÁCIO ENCANTADO

lam assim os dois pelo parque, tal como vão os homens pela vida: ora alegres, ora tristes, ora rindo, ora chorando; ora atentos a graves meditações, ora tropeçando em observações insignificantes, pedras soltas do caminho intelectual em que topamos, folgando ou desesperando segundo o ânimo vem disposto.

– Mas como é isto? – disse de repente o general, voltando-se para o lado das habitações. – Estamos nós nos Jardins d'Armida ou na ilha de Calipso? Ontem à noite entrei pelo vestíbulo magnífico de um palácio... fui de sala em sala, a qual mais suntuosa... Inda há pouco tornei a passar por algumas delas... E agora volto-me para o sítio donde vim, e não vejo senão uma graciosa aldeia da Suíça, um grupo de choupanas inglesas, que lhes não faltam nem os pinheiros alpinos para completarem a ilusão! Valham-me estas bananeiras, estes coqueiros, e aqueles imperiais ananases que ali estão doirando com os primeiros raios do sol dos trópicos, senão... aquela mesma pitangueira em flor que ali está, a tomara por um pé de murta ou por outra planta ainda mais europeia. Que é do palácio donde eu saí, que se fez da grandiosa residência onde me hospedaram esta noite? Que varinha de condão sumiu o castelo e o transformou numa dúzia de choupanas irregulares, destacadas, formando, verdade seja, um lindo acidente na paisagem?

Sorriu-se o português com visível satisfação e disse:

– Foi uma fada sem dúvida a que criou esta ilusão. Pobre fada, que diferente está do que então era! Foi minha mulher que imaginou e desenhou essas choupanas. Vistas assim a distância, parecem uma aldeia suíça ou de Escócia, é verdade: mas estão colocadas umas de encontro às outras por tal modo que se comunicam ao redor, e por dentro não parecem, nem de fato são, senão uma só e a mesma casa.

“Veja: aquela maiorzita à esquerda é a sala onde ontem tomamos chá; estas outras três choupanas mais para o centro, as outras salas por onde passou. Essa o vestíbulo. Naquela está a câmara de minha mulher, os seus quartos e os de minha filha; nesta os meus. Para estoutro lado ficam os dos hóspedes. Aquele onde dormiu só tem vista para um pátio interior; ali o pusemos de propósito para que, levantando-se cedo, não descobrisse o nosso inocente engano, antes de lho explicarmos. Pieguice!, confesso; mas desculpável em solitários como nós, que as únicas festas e divertimentos que temos são estas de fazer as honras do nosso eremitério aos viajantes que por acaso sucede termos a fortuna de hospedar.

“O que parece a igreja e o presbitério, efetivamente o é, porque ali mora o nosso capelão e ali é a ermida onde se diz missa e onde, com permissão do bispo, se administram todos os sacramentos à população que nos rodeia e que é

considerável. As oficinas da casa, abegoarias, cocheira, cozinha e o mais de labor que precisa tamanho estabelecimento, são no interior da aldeia, com portas e serviço para o lado oposto. De modo, diz minha mulher, que se provê às necessidades materiais da vida, e não somos obrigados a presenciar a prosaica elaboração a que é forçoso proceder para isso.

– Que gentil capricho! Bem se vê que é de mulher... mas não de qualquer mulher!

– Não por certo, Maria é um anjo... mas agora, um anjo que está cansada da Terra. Já a não entretém nada disto que dantes era sua vida.

Assim foram passeando, e a pé andaram horas, discorrendo preguiçosamente de rua em rua, de bosque em bosque, e colhendo o general aqui uma flor, observando acolá uma árvore, herborizando sempre e poetizando tudo, que os espíritos contemplativos da Natureza insensivelmente se elevam das obras dela para o infinito da Beleza Eterna, que são as regiões da Poesia.

Lineu foi um grande poeta; e Camões seria um grande botânico se tivesse lidado mais com o seu amigo Garcia de Orta e se a ciência estivesse já melhor formulada, mais transcendente dos aforismos oficiais que então a envolviam como em suas faxas infantis.

CAPÍTULO 12: O ALMOÇO

Do mais alto a que se remonta o espírito do homem, breve o reclamam as necessidades materiais da vida; e é força obedecer-lhes como assobios do falcoeiro obedece o falcão no ar.

Ouviram tocar uma sineta:

– É possível – exclamou o visconde – que sejam já nove horas?

– São – respondeu o general, olhando para o seu relógio.

– As nove e meia almoçamos. Voltemos a casa.

Apressaram o passo, e cada um foi para o seu quarto. Dali a meia hora estavam na livraria confortavelmente sentadas as duas senhoras, o general e o visconde,

à roda de uma mesa coberta dos mais luxuosos manjares que o ritual gastronômico manda servir a este primeiro repasto da manhã.

A livraria era toda fechada em círculo, truncado apenas em um segmento ocupado pela vasta janela em varanda donde lhe vinha a luz e ar, e agora a frescura matinal que dava melhor sabor ao almoço. As mesmas portas eram estantes suspensas em gonzos fáceis que se moviam para abrir e para fechar. Gótico o estilo, ricas as madeiras, os cristais preciosos, a coleção dos livros feita com o discernimento e gosto com que a faria Nodier se fora rico.

Quase no fim do almoço veio o chá, o café, o mate. Isabel, mais gentil ainda se é possível, no seu roupão de manhã, de um cor-de-rosa pálido e amortecido, que menos pálida a fazia, mandou retirar os criados, e ela só preparava tudo, servia tudo e a todos; sem perder de vista a mãe que apenas tocava no seu carimá, espécie de fécula gelatinosa, e que a pobre senhora fingia quanto podia que engolia, mas a repugnância era muita e mal a encobria o fingimento.

Agora que a via à luz do dia conheceu bem o general quanto era fundado o terror daquela família e que aéreas eram as esperanças que ainda alentavam o visconde e a filha.

Toda reclinada na sua poltrona, mortal na cor e na atitude, só vivos os olhos mas de uma vida turbulenta e febril, envolvida em uma capa de veludo roxo, os pés em borzeguins de arminhos, e achando ainda fria a manhã àquela hora e naquele clima, não podia duvidar-se que a infeliz senhora estava no último período de uma consumpção lenta – que tinha sido lenta, mas que agora fazia desesperados progressos de dia para dia, de hora para hora.

Sabiam-no os médicos, sabiam-no todos, menos o marido e a filha, a quem dizê-lo era matá-los sem nenhum proveito. Se o sabia ou não a mesma doente, era duvidoso: umas vezes parecia ter a consciência da sua próxima dissolução, outras falava como quem contava de viver ainda anos de anos. De Isabel, porém, e do Visconde ocultava ela sempre, quanto podia, o seu estado verdadeiro; não se queixava nunca do peito; dizia, como os médicos, que tudo eram nervos, e pedia a estes que o seu mal verdadeiro o encobrissem aos seus. E como desta piedosa fraude se não seguia dano algum à doente, os doutores diziam que sim, e sustentavam até à última a ilusão daqueles dois entes que

sonhavam ainda felicidade e prazeres, quando já toda a sua alegria tinha a cova aberta para se enterrar no meio daquelas solidões para sempre.

Acabou-se o almoço. O general, triste de suas próprias recordações, triste da próxima desolação em que já via sepultada aquela família tão merecedora de melhor ventura, porém mais triste ainda da sua descuidada alegria por tão falsas melhoras, alegria traidora que fazia mal ver, quis sair dali a todo o custo; pretextou que precisava aproveitar o seu tempo, e que desejava ir herborizar nos contornos. Declarou o visconde que o havia de acompanhar; as senhoras aprovaram. E os dois novos amigos saíram armados e equipados como convinha, na companhia de dois negros fiéis e experimentados, resolvidos a internarem-se pela solidão do deserto até onde pudessem, tomando razoável tempo para voltarem às horas de jantar, que eram as seis da tarde.

CAPÍTULO 13: A MÃE

Ficaram sós a mãe e a filha.

– Fecha aquela porta por dentro, Isabel. Tenho que alar contigo, e não queria que me ouvisse ninguém.

Isabel, desconfiada, com um pressentimento de terror, daqueles que batem no coração de repente, sem se saber porquê nem donde vêm, levantou-se trêmula, agitada, foi fechar a porta, e voltou sentar-se aos pés da mãe, onde estava, porém mais chegada a ela, com as mãos mais apertadas nas suas, e sem ousar erguer os olhos para o rosto querido, e tremendo de lhe ver sair da boca não sei que fatal sentença que a ia aniquilar.

Era o coração que adivinhava.

– Isabel – disse a mãe com um acento de suavidade celeste na voz –, olha bem para mim, filha.

Isabel olhou, e tremeu de todos os membros.

– Não tremas, filha; que me fazes mal, muito mal.

– Que tem, mamã?... que tem?

– Pois tu não vês o que eu tenho, filha? Pois tu não vês que estou a morrer?

– Morrer, mamã!

– Morrer, filha. Já não posso, já não devo ocultar-to mais.

– Mas os doutores...

– Os doutores não tornam cá. Pedi-lhes eu encarecidamente que não voltassem para que teu pai lhes não lesse nas caras a sentença irrevogável que agora vai cumprir-se, e que eles há quatro dias me deram. Animo, filha! Põe o coração em Deus. E lembra-te que nestes últimos momentos, tua mãe que te adora, que te ama com tanto extremo, tua mãe precisa de ti, e que não tem mais ninguém para a confortar. Se tu lhe faltas, se tu sucumbes ao desalento, é a tua mãe que abandonas... e lhe redobras as amarguras desta hora fatal.

– Mamã, mamã! – articulou pausadamente Isabel, apertando os dentes e engolindo os soluços que a afogavam. – Mamã, não vê que eu não choro?... Pois a sua filha não há de ter força para a acompanhar?

– Filha, tu és um anjo, e tens a energia do bem na tua alma. Morro mais tranquila com saber que te deixo em dote o que a poucas mulheres é dado, uma serena mas invencível força de ânimo que sempre o que quer pode. Tu és criança, filha, és formosa, e serás imensamente rica. Ainda quando teu pai casasse outra vez.

– Meu pai casar!...

– Teu pai é homem, filha, e moço ainda...

– Mamã!

– Tu não conheces os homens, nem o mundo, Isabel. Houve um tempo em que me dava isso cuidado. Tenho pensado melhor e já o não temo. A ignorância na mulher é a inocência... e a inocência tem muita força. É condição das filhas de Eva que quanto mais sabem mais erram. Sim, filha: ainda que teu pai casasse outra vez, a maior parte dessa imensa fortuna que juntou teu avô era tua sem partilha.

“Não cases senão com o homem de quem gostares e de quem tenhas provas que o coração é nobre e o espírito elevado. São grandes consolações para os desgostos da vida, que vida sem eles não há...

“Eu casei com o homem da minha escolha; e as suas grandes qualidades de espírito e de coração me deram toda a felicidade que tive na vida... toda a que me não veio de ti; ainda agora me ajudam a levar com paciência a morte. Que a alta ideia que formares do homem a quem deres tua alma, não busques diminuí-la nunca!... Erro fatal de muitas mulheres que por vaidade o fazem para exaltar-se, cuidando engrandecer-se a si com depreciarem aqueles a quem se deram. Loucas! Humilham-se, abatem-se, arrastam-se. É a maior desgraça que pode suceder a uma mulher, e dela nascem todas.

“Antes fechar os olhos aos defeitos, negá-los a si própria, porque em nós chegando a ver o primeiro defeito grave no homem que amamos, nunca mais vemos nele senão misérias: e nesse momento a nossa felicidade acabou. O que o vulgo chama impropriamente ilusões, e que não é senão a exaltação do espírito ao ideal da Suprema Beleza, desaparece. Fica o amor brutal, grosseiro, degradante, que nos anivela com os outros animais todos, porque os há que sentem do coração, mas com os derradeiros e mais vis da criação. Oh!, se os teus olhos se abrirem a alguma fatal realidade, se a exaltação da tua alma se abater, se as tuas ilusões (como lhe chamam) por qualquer motivo começarem a dissipar-se, recua, fuge, morre antes: mas não te dê. Porque a humilhação da tua alma é certa... E mais vale mil vezes morrer do que sentir-te humilhada a seus próprios olhos.

“Teu pai, bem o sabes, o seu grande desejo, a sua maior felicidade neste mundo é ver-te unida com Fernando, teu primo, o seu sobrinho valido. Não oiço senão bens dele... Mas, não sei porquê, tenho no fundo da alma um receio instintivo de que não seja homem para ti. É um homem do mundo, ele, do grande mundo; e tu, filha da soledade, criada neste deserto. Teu pai não te obrigará; nem tu és para isso, que eu bem te conheço, filha. Assim a tua escolha fica livre. Pensa, examina, conhece-o; e não ames senão a quem conheceres; não te dê senão a quem amares. Este velho general, este amigo íntimo de Fernando... simpatizo com ele, com a sua figura, com as suas maneiras, com o seu espírito realmente superior... Mas...

– Mas quê, mamã?... Eu também sinto a respeito dele...

– Mas porque me dirá o coração, porque vejo eu não sei em que fantásticas estrelas, que a desse velho é oposta à tua, à de teu pai, e que?... Loucuras! Visões de uma cabeça esvaecida!... Não faças caso disto, filha. O conde de Bressac é um homem respeitável, um amigo certo e provado do que naturalmente há de ser teu marido. Não te deves prevenir e preconceituar contra ele por minhas irrefletidas palavras.

“E mais te não digo, filha, que não precisas. Teu pai é um homem de valente juízo; e em tudo quanto um homem pode dirigir uma mulher (que é muito menos do que se cuida) ninguém te há de aconselhar tão bem como ele. Não te incumbo legados, não te encarrego deixas, não te imponho mandados de nenhuma espécie. Todos os nossos escravos são bons, porque nós temos sido bons com eles. Sei que o teu desejo é libertá-los a todos...

– Oh!, sim, mamã.

– Tal não faças, minha filha. Não dês alforria senão aos que tiverem juízo e indústria para usar de sua liberdade. As beatas, e os hipócritas Ingleses têm causado tantos desgraçados com as suas declamações contra o tráfico dos negros, tantos, pelo menos, como os que mercadejam no infame negócio. A emigração de África para a América é uma necessidade absoluta e inevitável, que convinha regular e fiscalizar no sentido do Evangelho e da civilização, mas não proscrevê-la absurdamente. Teu pai te instruirá sobre este ponto. As suas ideias e os seus planos são mais cristãos e mais justos de que os de todos os filonegros da Europa, que a respeito da África e da América tanto sabem e entendem como dos países da Lua.

“Não fiz, nem faço testamento: sei o que me fica no teu coração, e no de teu pai. Só uma coisa te deixo encomendada: é que tenhas muita indulgência com frei João Índio. Ele custa a sofrer; é como todos os de sua desgraçada raça, mole no bem e no mal. Mas é honrado, fiel, sacerdote exemplar... e de suas mãos hei de receber a última bênção para o meu trânsito...

– Mamã! Oh!, minha querida mãe!

– Tem dó dele, Isabel, e atura-o com paciência. As suas desconfianças visionárias, as suas superstições absurdas, nem sempre são para desprezar. Sabes tu? Aquele espírito habitualmente obscurecido pelos vapores crassos de sua indolência e de uma espécie de estagnação de todas as faculdades, ilumina-

se às vezes do instinto de um grande amor, de uma dedicação por esta nossa família, que é o único afeto de sua alma neste mundo!

– Mamã, bem sabe que eu também quero muito a frei João Índio.

– Sei, filha, e descanso em ti neste ponto, bem como nos outros todos. Teu pai não gosta dele; mas há de tolerá-lo por amor de ti, como o tem tolerado por amor de mim. E agora, querida Isabel, saberás que me sinto melhor, mais aliviada com ter aberto o meu coração à minha filha. Era um peso que me oprimia, e que apressava e amargurava a minha morte.

“Estou melhor... mas muito exausta; preciso descansar. Chama para que me levem ao meu quarto. Despir-me-ás tu, e me meterás na cama, porque estou melhor despida. E não sairás de ao pé de mim.

– Mamã, mamã! – ia rompendo a soluçar a pobre Isabel.

– Vamos, vamos! Animo, filha! Estarás ao pé de mim, e me darás o meu jantar. E hás de me ler esses versos novos de Lamartine, que tu achas tão bonitos, a ver se me convertes à tua fé, se fazem com que eu goste mais do teu poeta francês do que do meu Walter Scott e do meu Shakespeare. E eu farei por adormecer quando for hora de irem para a mesa; que então irás tu também, não desconfie teu pai. E depois, quem sabe? Eu para a noite, quando refrescar o ar, estou sempre outra, revivo como as plantas com a frescura do orvalho.

– Se Deus quisesse, mamã, eu ainda tenho fé...

– Tem sempre fé em Deus, que há de querer o que for melhor para nós.

Isabel abriu a porta, puxou o cordão da campainha, vieram as escravas, levaram a enferma ao seu quarto; e a filha a despiu, a deitou, conchegou-lhe a roupa, e a ajeitou entre almofadas para lhe achar a menos dolorosa posição que em seu estado podia dar-se.

Depois leu-lhe um pouco, falou-lhe outro pouco das coisas que sabia interessarem-na mais – das suas flores favoritas, do seu colégio de índios que ela protegia, do seu hospital de negros velhos que ela amparava. Fê-la rir com as elegâncias do nosso amigo Spiridião, e com as disputas que sempre andavam travadas entre ele e Fr. João Índio, de cuja missa o atrevido negro duvidava se era “missa inteira” e tal que chegasse para cumprir o preceito em dia

santificado. Com isto e com dois caldos que lhe fez tomar aos golos, se passou o dia à enferma. A febre não recresceu; e quando estavam a dar as seis horas, que os herborizantes voltaram e se foram vestir para jantar, estava ela sensivelmente melhor, e tanto melhor se sentia que se quis levantar e vir para a mesa.

Opôs-se Isabel, instou e conseguiu que não o fizesse.

Havia em casa uma criada velha de grande confiança, minhota cerrada ainda depois de quarenta anos de ausência da santa terrinha do Num-bou-lá, aguentando sob a ampla saia de baeta e as roupinhas atacadas, o calor infernal dos trópicos; testuda portanto, já se vê, mas fiel, zelosa e amante de seu amo, que não quis deixar nunca, nem depois de rica, independente e senhora sua, como era. Ficou esta Gertrudes, que assim se chamava a minhota, no quarto com a doente; e Isabel se foi vestir para presidir à mesa, forceando por se iludir com a ideia de que os pressentimentos da mãe eram falsos, que ela estava melhor, e ainda havia de escapar desta crise, como tinha escapado das outras que há seis meses se tinham repetido tão frequentes.

CAPÍTULO 14: ISABEL

Tocou para o jantar: Isabel, que no seu quarto desafogava a soluçar e a chorar enquanto suas aias a vestiam, mirava maquinalmente o espelho em que se não via com a força das lágrimas; mas ouvindo aquele som que a despertou, estremeceu, voltou a si, e se firmou na resolução de obedecer a sua mãe e de encobrir ao pai a impendente calamidade que estava a cair sobre eles. Feito este grande esforço de ânimo, compôs o semblante, enxugou os olhos, e com um daqueles sorrisos que a mais inocente mulher tem sempre no meio das maiores dores, quando é preciso ocultá-las, veio para a sala em que era costume juntarem-se antes de ir para a mesa.

Tinham dito ao visconde que sua mulher estava melhor e dormia; pelo que, não quis entrar na câmara e se foi direito ao seu quarto vestir muito sossegado.

Tanto ele como o general estavam já na sala à espera de Isabel, e lhe vieram ao encontro alegres e satisfeitos de a verem.

A beleza de Isabel era daquela espécie, não digo a mais fina, porém certamente a menos comum, que brilha mais de dia que de noite. Extremamente pálida mas de uma tez puríssima, a sua compleição não tinha que pedir segredo às luzes artificiais da noite.

Demais era botão de flor que abria; todo o sol lhe era pouco. Flores que já brilharam em muita e muita manhã clara, são as que pendem para a tarde, que se arrugam com o ardor da calma, e que precisam da meia luz do crepúsculo para se reanimarem.

O pai quando a viu entrar sentiu jubilar-lhe o coração e jurou que nunca a vira mais bela. “Ah!, se a visse agora Fernando!” disse consigo.

O general cortejou, dandinando-se das reminiscências dos seus tempos, e suspirou meia dúzia de madrigais *fadeurs* que lhe acudiram à estereotipada memória. Um magnífico vestido de glacé cor de pêssego, com três largos folhos, os ombros e os braços nus, o cabelo solto e ondado, sem uma pulseira, sem um laço, sem um único dixe; os pés calçados de estreita chinela de cetim preto, estreita mas fácil e naturalmente justa, que lhe deixava toda a elasticidade e a morbidez do pisar; a luva da mesma cor do vestido abotoava no punho com três rubis que pareciam três gotas de sangue cristalizado; tal era a toilette de Isabel; toilette que, em sua dolorosa preocupação, na ausência de todo o estudo, saíra por acaso tão perfeita, qual a não conseguiria talvez em ocasião mais requerida, com horas e horas de consulta ao toucador.

– Querida Isabel – disse o pai abraçando-a –, tua mãe não está muito boa?... Ela que se deitou...

– Não está, não, papá.

– Mas nunca tão mal como ontem?

Isabel não respondeu. O pai não fez reparo, e continuou:

– Oh!, como ontem! Aquilo sim, que foram transes! Cuidei que me ficava nos braços. É que também o dia está melhor hoje, menos quente, menos abafado. E tu, filha? Mas tu estás sempre boa. É a minha grande felicidade neste mundo, general, a saúde desta filha, que nunca teve a menor coisa. De criança de peito nunca fez passar uma má noite a sua mãe. Que bulhas, que disputas não tive eu

com Miss Mac'Drugg, a sua aia inglesa (creio que a moda é dizer governanta) que por força lhe queria imbutir saias e pílulas e toda aquela pestilência que viaja com uma inglesa sempre, na polida e envernizada boceta de Pandora, primeiro e indispensável artigo de sua bagagem. E verdade, que novas há de Miss Mac'Drugg? Não te tem escrito? Há três meses que está na Baía, por um córto visito, como ela diz às suas amigas, as tais misses...

– Mac-Flirts.

– Pois Mac-Flirts, sejam. Mas é preciso que lhe escrevas, que dê por feito o seu córto visito, e que volte quanto antes.

– Porquê, papá?

– Porque tu já não falas inglês, e...

– Ora, papá!

– Não é ora papá; é que esta senhora, general, fala inglês perfeitamente: e, ficando assim muito tempo sem ter com quem praticar, esquece-o.

– Tem razão o papá: era uma pena – disse o general sorrindo.

– Bem, bem, general! Venha em meu auxílio! – clamou o pai.

– Mas se eu não gosto de ingleses – continuou Isabel, felicíssima de lhe ter aparecido um assunto de discussão que arredava do pensamento – não do seu, que era impossível –, mas do seu pobre e descuidado pai, as penosas ideias que o preocupavam: – Se eu não gosto de ingleses nem da sua língua! Estudei-a por fazer a vontade ao papá...

– E a tua mãe, filha, a tua pobre mãe, que é a sua língua predileta.

– Pois sim... mas a falar a verdade, eu não gosto senão só da nossa boa velha língua portuguesa. Não se ofenda, general, eu também sou muito parcial do francês, mas é só do francês de Lamartine e de Chateaubriand...

– Nem sequer chega a Molière a amnistia?

– Sim, também chega.

– A Racine?

– Não.

– A Voltaire?

– Nada.

– Que capricho!

– Não é capricho. Nem eu pretendo saber destas coisas, general, entender de autores e de literaturas. Sempre ouvi a minha mãe, e o creio e o compreendo bem, porque o sinto, que uma mulher literata deve ser a coisa mais ridícula e abortiva do mundo. Mas eu não conheço o mundo e facilmente cairei, talvez, em seus ridículos sem o saber. Digo o que sinto, digo as impressões que me faz um livro, como digo as que me faz uma bela paisagem, uma pintura, uma estátua. Isso não é entender, nem julgar, é sentir. E entrar-me pelos ouvidos de modo que me traga ideias perfeitas, naturais, sentimentos verdadeiros ao espírito, só a língua da terra de meus pais. Fui criada aqui: não vê? Se eu fora de pequena para um colégio estrangeiro, não sei...

– Tens razão, filha – disse o pai tomando-lhe a mão e beijando-a –; tens razão; e também a tive em te não querer educar para francesa ou inglesa.

O general admirava, no entanto, a pureza de coração e a solidez de espírito de uma menina nascida no fasto e na grandeza, rodeada de escravos e dependentes e saudada desde o berço por herdeira de milhões. “Se será com efeito”, pensava ele, “a nossa tão gabada educação do mundo a que tudo falseia e corrompe?”

CAPÍTULO 15: O JANTAR

Abriu-se nisto a porta, e Spiridião Cássiano di Mello i Mattôss, a carapinha apovilhada de fresco, as luvas saltando de brancas, fez a sua aparição oficial e inclinando-se gravemente a Isabel, lhe intimou, por esta forma sacramental, que o jantar estava na mesa.

O general deu o braço à interessante brasileira; e seguidos do visconde se encaminharam à sala do jantar.

É impossível imaginar nada mais elegante, mais cômodo, nem mais confortável segundo o clima, do que aquela casa de jantar. Bastantemente comprida e larga em proporção, tinha, de um dos lados maiores, três portas espaçosas com só dois largos cristais ingleses, um em cada batente. Do lado oposto um magnífico aparador corrido todo de canto a canto, resplandecia de prataria, porcelanas e cristais de diversas cores e feitios, e exalava, com o cheiro apetitoso das viandas, o perfume das flores dispostas em grandes jarras de Sèvres.

Sobre a mesa um *plateau de vermeil*, cuja peça central, digna de Benvenuto Cellini, representava – oh horror!, oh escândalo das artes progressivas e fomentadoras! – o clássico grupo das três deusas litigantes no ida, e do juiz-pastor deixando-se peitar pela que mais lhe desse, e entregando a maçã fatal à que melhor soube peitá-lo. A direita e esquerda do grupo se elevavam, como de entre uma rica e viçosa folhagem de ouro, dois elegantes vasos de cristal verde e tão puro que parecia sólida esmeralda, com as bordas patentes e debruçadas como as do cálice de um elegante convólculo, contendo uma quantidade de frutas escolhidas, misturadas de folhas e de flores. Era o ananás com a rosa, a gardênia com a anona, a laranja com a sua própria flor, a magnólia com a goiaba, o araçá com a passiflora, o caju rodeado de begônias cor de sangue, as uvas com a fruta-do-conde, e as mangas cor de cera com as róseas grinaldas da buganvília. Daqui se estendia por toda a mesa um variado mosaico de outras frutas, doces e conservas: o coco verde com a sua nata deliciosa e refrigerante, a melancia que degenerou da Europa, curcubitando tortuosa e aleijada, porém muito mais doce e melhor tornada no terreno alheio o melão com a polpa cor de sangue, as bananas enfim, que são a mais vulgar, porém a mais útil produção da Pomona tropical.

O forte das viandas foi cortado e servido dos bufetes por um bem disciplinado regimento de criados que, debaixo do comando do seu ilustre chefe, o grande Cássiano, manobrou com uma pontualidade, inteligência e ordem admiráveis.

Monsieur de Bréssac pensava assistir a um jantar imperial do Palácio de Estio em Sampetersburgo, se o fasto gigantesco, se as desperdiçadas galas da nobreza americana se lhe não estivessem metendo por todos os sentidos e triunfando de luxo sobre o mais refinado das elegâncias do Velho Mundo.

A mesa era oval, Isabel ocupava o centro de um dos lados mais extensos, tinha o pai à direita, o general à esquerda e em frente as três largas janelas ou portadas, agora abertas de par em par.

Os últimos raios do Sol davam nas longas, acetinadas folhas das bananeiras que viçavam junto da casa, e as faziam resplandecer de uma mistura de oiro e verde, arraiado de púrpura nos caules mais tenros; mas por entre grupo e grupo dos gigantescos herbáceos, artisticamente dispostos, penetrava e se estendia largamente a vista a espriar-se nos vastos jardins do parque, na lagoa, até à cinta verde-negra dos circunstantes matos virgens.

O general falava pouco, comia menos, mas todos os seus sentidos se banquetevavam. E não há para, negá-lo: com toda a simplicidade de seu caráter, apesar de toda a ingênua facilidade com que o visconde e sua filha naturalmente usavam, que não gozavam, de sua extraordinária opulência, era todavia visível que o seu amor-próprio se banhava com deleite na admiração do surpreendido estrangeiro. Um habitante do nobre *faubourg*, um homem da velha corte de França, que em seus primeiros anos tinha saudado ainda os derradeiros esplendores de Versalhes, e as mais livres, porém mais finas etiquetas do grande e pequeno Trianon – que durante a República se refugiara nos tépidos salões de Viena e de Sampetersburgo –, que depois, meio reconciliado com o Império, vira nas Tulherias as pompas quase bizantinas da corte do usurpador – que nas ruínas de Atenas e de Roma estudara as relíquias da antiga civilização, do antigo fasto dos Césares, e das elegâncias de Péricles! – vê-lo a esse homem, já enfastiado, já gasto e cansado das maravilhas do Velho Mundo, rejuvenescer agora para admirar de todos os seus olhos, reviver para gozar de todos os seus sentidos, essa obra de suas mãos deles, esse Eliseu de sua criação – revestir-se com eles de glória e de prazer supremo nesse Tabor da sua transfiguração, desejando, como Pedro, um tabernáculo para ali ficar – porque ali estava bem –, era na verdade para lisonjear a solitária família de Itahé.

CAPÍTULO 16: INTERRUPÇÃO

Com efeito, adiantada já a sobremesa, tomava o general algumas colheres da fresca nata de coco verde, quando exaltado por um irresistível pensamento:

– Oh! uma cabana aqui com a minha Helena e juro a Deus que todo o Mundo Velho se podia afundir, quanto para mim, perecer como a Atlântica do meu amigo Nepomuceno Lemercier, sem me ficarem a mim mais saudades do que ficaram os versos do ilustre acadêmico na memória de alguém que tivesse a fatalidade de os ler.

– Veja o que diz, general! Somos capazes de o tomar pela palavra, de o fazer registar o seu temerário juramento.

– Vejo e sinto; demais sinto o que digo: porque a lembrança destes sítios encantados, porque as saudades (saudades é a palavra aqui, não outra de nenhuma língua) as saudades da angélica família que aqui soube plantar suas tendas, não me hão deixar nunca mais, e me farão aborrecer o resto do mundo. Que palácios, que jardins, que bosques poderão já agora contentar olhos que se fartaram nisto? Como me não hão de parecer hortas de couves e de alface os mais cuidados *parterres* de Londres? Em que estufas acanhadas poderei eu mais com paciência, ver florescer a buganvília ou frutificar a bananeira, colher um ananás de um vaso de barro, apanhar um ramo de flores de laranjeira de um caixão de tábuas pintado de verde? Que ridícula paródia me não hão de parecer os nossos jardins! E o que digo das plantas, oh!, se não estivesse aqui uma senhora, visconde, se eu pudesse falar com a mesma liberdade dessas flores contrafeitas que brilham à luz da cera e do azeite na escaldada atmosfera das estufas de nossos bailes ou meneiam suas frentes caídas por entre a névoa grisalha de uma fria manhã nas ruas macadamizadas de nossos jardins empoeirados, de nossos parques raquíticos, por entre as nossas árvores recortadas à tesoura...

– Vamos, vamos, general! Isso agora também é de mais. Isabel, sentido com a galantaria francesa! Não vês como te lisonjeia e sacrifica sem misericórdia todas as formosuras do outro hemisfério?

Isabel sorriu tristemente e disse:

– A mim, sim! Como eu me tenho por tão bela! E como não sei o que é a graça, o irresistível encanto das parisienses!

– Coqueteria tudo, artifício, disfarce, impostura, falsidade, mentira! Encantos comprados à modista, graças à costureira, figura ao espartilheiro. Tudo comprado, até as caras e o cheiro, as cores e a morbidez da pele, que vêm da

loja do perfumista. A simetria das formas é baleia e algodão; o espírito, os ditos agudos são estofo de *vaudeville*; e o mesmo sentimento, extrato sublimado de novelas, factício, mentiroso e postiço como elas: nada que fizesse a natureza, tudo a arte; nada que venha do coração, que gire com o sangue nessas veias, que saia da alma... Aquelas almas estão todas como a do licenciado... enterradas na Bourse, onde suas altas e suas baixas são regularmente cotadas... almas que já estão ardendo nas caldeiras de Pêro Botelho dos caminhos de ferro, penando por oiro, oiro e oiro, que é a mania única da Europa desde o palácio dos reis até o falanstério dos comunistas!

– E a da América também, meus amigos – disse o visconde.

– O mundo foi sempre assim: quando tinha só três, depois que tem quatro, e assim será sempre quando tenha cinco partes, como já querem contar-lhe: foi, é e há de ser o mesmo. Aqui está ainda a riqueza em poucas mãos; e algum que tem consciência e pudor pode ainda afastar-se, como eu aqui fiz, para longe das asquerosas oficinas em que se trituram as carnes e as vidas humanas (brancas e negras segundo os países) para fazer delas o oiro, o poder, as riquezas, e que sob a forma de engenhos de açúcar, de minas, de manufaturas, de fábricas, de batalhas, são todos o mesmo: feudos de milhares de escravos, sujeitos pela miséria ao poder de um homem que a sorte fez rico, poderoso e senhor. Tenho a infelicidade de crer que este destino da espécie humana é fatal, inevitável, irremediável; que se lhe podem mudar as formas e os nomes, outra coisa não. Moderá-lo, suavizá-lo podia o cristianismo, e especialmente a sua mais pura, mais velha e mais perfeita comunhão, a católica. Parece que o não quer Deus... pois permite que por um lado a filosofia regeneradora do século renegue da cruz, seu único estandarte, sua força, sua legitimação e seu poder imenso, e por outro que os sacerdotes de Cristo tomassem medo à Civilização e ao Progresso, à Liberdade que nasceu à sombra dos altares e tarde ou cedo há de voltar a eles... O dia de Deus ainda não chegou, há de chegar; mas antes que chegue pressinto grandes calamidades.

Interrompeu-o, nestas palavras, um murmúrio surdo que se levantou entre os criados e escravos que ocupavam o fundo da sala. E quando ia a perguntar com gesto imperativo o que significava aquela falta de disciplina, tão desusada e inaudita, viu abrirem-se as largas portas do fundo, prostrarem-se todos de

joelhos, e ouviu-se uma voz bem conhecida pronunciar grave e tristemente a saudação latina:

– *Pax huic domui!*

A que responderam muitas vozes de crianças:

– *Et omnibus habitantibus in ea.*

– Frei João Índio e os seus rapazes!? Que significa isto, Isabel?

– Ai, meu pai! Significa... não sei... mas pressinto... Eu vou... É, é... oh meu querido pai! É o que eu esperava.

E deitou a correr, atropelando os que estavam de joelhos e rompendo para a porta da sala, conseguiu assim passar adiante à inesperada procissão que lenta e pausadamente ia entrando pelo imediato aposento e se dirigia ao interior da casa.

Eram umas vinte crianças de nove a treze anos, índias todas, grosseiras mas limpamente vestidas, com suas opas encarnadas, vulgarmente ditas capas do Santíssimo: suas tochas acesas nas mãos, e atrás deles um padre de sobrepeliz e estola, o véu sobre os ombros, e cobrindo com ele a píxide ou âmbula em que se continha o Viático.

O visconde, espantado, a língua presa, ficou imóvel, olhando com uns olhos fixos que não viam, ouvindo com uns ouvidos que lhe não mandavam som distinto nem ideia precisa ao espírito. No meio de toda aquela gente prostrada, batendo nos peitos, ele ficou de pé, como a estátua da Impiedade, o símbolo da Impenitência que parecia insultar a compunção geral.

A procissão passou; todos a seguiram... menos ele, que, imóvel, impassível, ficou no mesmo sítio.

CAPÍTULO 17: SIMPATIA

Enquanto o visconde, tolhido de susto e de pasmo, tinha ficado só na deserta casa de jantar, rodeado das relíquias das iguarias, do fasto e da suntuosidade, que ali pareciam agora as do naufrágio de todas as alegrias e prazeres humanos,

e causavam asco e dó vendo-as dispersas em tomo desse homem prostrado e ferido de uma dor mortal – o viajante seguia, com os demais, o Viático. À porta da câmara da viscondessa lhe explicaram o que, naquela casa, só Isabel ignorava, o pai, e ele hóspede recém-chegado: que a dona dela, a senhora de toda aquela imensa riqueza, há muitos dias abandonada dos médicos, estava no derradeiro período de uma consumpção lenta, e que a cada instante receavam vê-la expirar. Enquanto estavam à mesa, tinha-lhe sobrevivido um paroxismo mortal; e a criada de confiança que a velava, a pontual Gertrudes, não tratou senão de fazer o que sua ama com a maior instância lhe encomendara: correu a chamar o capelão, que há muito estava de sobreaviso e que imediatamente acudiu com os Sacramentos. Tudo isto se tinha passado em poucos minutos, não houve tempo nem reflexão para mais; e as ordens estritas da enferma tinham sido que por nenhum modo sobressaltassem sua filha ou o visconde. Isabel, pressentida pela conferência da manhã, adivinhou logo tudo, e sem mais perguntar, correu direita ao quarto da mãe, que achou moribunda. Ao pai tudo tinha escondido temendo os excessos de sua dor. Ninguém ousava dar-lhe o golpe, ninguém tinha ânimo para o prevenir; e à força de precauções que deixaram cair repentino o raio direito e desapiedado, com que o assombraram, o mataram na alma para sempre.

Da porta da câmara da moribunda o general deitava os olhos para ver os que a cercavam. Viu a filha, meia ajoelhada meia deitada no leito, que a sustinha nos braços; viu muitos homens, muitas mulheres de joelhos que soluçavam e choraram; viu muitos mais na antecâmara que faziam o mesmo; viu que só o visconde não estava, e que ninguém dava por sua falta! Saiu à pressa, e veio encontrar o desgraçado marido tal como o deixara, só, pasmado, em pé ainda, os braços caídos, os olhos fixos no vago, ausente de toda a razão, toda a consciência da vida. Tomou-o fortemente dos braços, sacudiu-o com violência, e com aquela severidade na voz que é preciso usar com os alienados ou fracos de espírito para lhes despertar algum resto de razão:

– Que é isso, senhor visconde! A nossa amizade é de homem: mas instantes destes valem séculos; e eu revisto-me de toda a autoridade de um amigo velho, para exigir, para que mandar se é preciso... que não dê a sua filha um espetáculo de cobardia e de vergonha!

Os sons destas últimas palavras tiveram uma como ação voltaica sobre os nervos do português. Cobardia, ele! – Vergonha, ele! Estremeceu e as suas faces pálidas ficaram de púrpura.

O general continuou:

– Vamos. A vontade de Deus está sobre tudo. Fizem mal em no enganar assim até à última: é verdade. Mas o mal está feito, e agora é preciso ser homem. Sua filha não há de ficar só ao pé do leito da moribunda.

Este último argumento foi o verdadeiro choque elétrico na paralisia da alma; ouviu dentro em si aquelas palavras como se lhe despertassem um eco surdo que lá estava abafado; reviveu para sentir, e pareceu reanimar-se. Apertou ambas as mãos do general, que lhe tinham as suas, correu-lhe um violento estremeção todo o corpo, e, levantando os olhos ao Céu, como quem o tomava por testemunha de um voto intimamente pronunciado, exclamou:

– Meu amigo, meu verdadeiro, meu único amigo, que me não desampare nesta hora!... Oh!, e nunca mais até que chegue a minha...

E desde essa hora, um poder sobrenatural pareceu vincular aquelas duas almas e selar, de eterno selo inviolável a dependência de um e a autoridade de outro. Desde aquela hora a alma do português morta, extinta, não pareceu ressuscitar senão em obediência à voz poderosa que a ficou dominando como sua. Via, ouvia, sentia, mas não julgava por si. Não perdeu a memória de nenhum sentimento ou afeto. Ficou-lhe inteira a inteligência para pensar e gozar, para amar e aborrecer; tudo o mais da vida lhe ficou, menos a vontade e a força de querer; essa não a tornou a recobrar; tomou-a para si o hóspede francês.

CAPÍTULO 18: ÚLTIMA COMUNHÃO

O toucador da viscondessa, despojado de seus adornos e elegâncias, tinha sido convertido em altar, e colocado junto a um grande quadro que pendia defronte do leito, em cujo fundo de veludo roxo assentava uma singela cruz de ébano com a imagem de Cristo. No altar, toalhas e luzes, e sobre ele o Viático. De joelhos, inclinado diante do Santo dos santos, estava o pároco índio, o capelão do visconde. Em derredor e com tochas acesas servindo-lhe de acólitos, os educandos do Colégio de Índios, que ele dirigia, fundação a mais querida e

patrocinada da moribunda. Um recolhimento santo e solene tinha pendentes todas as cabeças, submissa a dor e mudo o pranto.

Entraram os dois amigos, e apenas foram vistos, ajoelharam junto do leito, e ninguém se ocupou deles.

O sacerdote orava baixo, e parecia esperar com resignada confiança que Deus acudisse à agonizante com um momento de lúcida consciência em que pudesse administrar-lhe os derradeiros auxílios do seu ministério.

A enferma abriu os olhos serena, e sorriu de um sorriso angélico e suave. Pôs a mão sobre o peito como quem se queria inclinar diante da augusta presença do Redentor que vinha a visitá-la. Depois sentiu a filha que a amparava e com a outra mão apertou a dela. Girou os olhos pelo aposento, viu o marido debruçado ao pé do leito, e mais se animou de o ver. Deu com os olhos no general... e estremecendo involuntariamente arredou dele a vista: mas vencendo logo com a reflexão um vago sentimento de repugnância que lhe inspirava o estrangeiro o saudou com os olhos.

Todos os tinham fitos nela, e retinham os soluços que queriam rebentar, mas ninguém chorava porque a serenidade do seu rosto era tanta que parecia inspirar contento e alegria, condenar a tristeza e reprovar toda a expressão de pesar.

O sacerdote levantou-se, veio ao pé do leito da enferma e lhe perguntou se estava disposta a receber a Eucaristia.

Respondeu distintamente que sim. Confessada e comungada três dias antes, a moribunda quis todavia reconciliar-se.

Saíram todos da câmara; Isabel a última e com marcada relutância: foi necessário que a mãe lho pedisse instantemente:

– Minha filha, é um momento: e eu não fico só: está Deus aqui. E é somente ao seu ministro, a ele só, Isabel, que eu quero, que preciso dizer duas palavras.

Isabel saiu e foi abraçar-se com o pai. Ambos e todos ficaram esperando com ansiedade que os últimos segredos dessa alma piedosa se exalassessem no seio daquele que a consolava e confortava na derradeira angústia.

Durou poucos minutos a reconciliação. O padre fez sinal para que entrassem.

Ajoelhou a filha a um lado da cabeceira, o marido ao outro; e ambos mudos, ambos concentrados em sua dor, e sem mais expressão no semblante que a das lágrimas, a ouviram pedir perdão a todos – a eles também! Rogar-lhes que encomendassem sua alma a Deus; e não lhe esqueceu no perdão e na rogativa esse próprio amigo de ontem, a quem dirigiu, como por distinção, estas palavras memoráveis:

– E ao senhor general que de tão longe veio ver morrer uma pobre americana no fundo deste deserto... que também peça a Deus por mim! Que se lembre de mim, que me vou... que morro, nas suas orações! Que se lembre dos outros que ficam... em cujo Poucos instantes tinham decorrido desde que o general safra a buscar o seu amigo.

O derradeiro e augusto ato da vida cristã não tinha começado ainda.

Amor e saudade me custaria dobrado morrer!

O velho cortesão de Luís XVIII inclinou a cabeça profundamente, apertou a mão do visconde, junto de quem estava, e rebentaram-lhe as lágrimas dos olhos.

Toda a família reunida naquela suprema e dolorosa cena testemunhou e celebrou assim a adoção do estranho, a posse que dela tomava um velho desconhecido que nenhum podia amar ainda, estimar ainda, porque o não conheciam, mas que todos queriam já propiciar como ao seu destinado, como a um fado que lhes aparecia de repente, e do qual procurava adivinhar cada um se lhe seria adverso ou favorável.

Criados, escravos, chefes e subalternos dos diversos estabelecimentos dependentes daquela poderosa casa ficaram olhando para o conde de Bréssac como para quem ficava, de ora em diante naquela família, com toda a absoluta potestade do bem e do mal.

Porque pensaram eles isso? Porque o imaginaram? O que era para eles esse homem? O íntimo amigo de Fernando, a sombra, o reflexo desse parente nunca visto, menos conhecido que ele ainda! Nada. Razões não as havia; eram pressentimentos tudo.

Não acerta a razão explicar muitas vezes, a maior parte das vezes, os nossos pressentimentos. Mas alguma coisa há mais do que a razão no homem; alguma coisa que vê, que sente, que presente o que ela não alcança.

A enferma comungou com muita serenidade e devoção; seus membros extenuados receberam a extrema-unção da Igreja. A procissão retirou-se murmurando seus cânticos melancólicos. Os homens foram todos acompanhar o Sacramento que voltava à ermida da povoação. As criadas e escravas vieram para a antecâmara da viscondessa por ordem de Isabel; ela ficou só com a mãe.

– Sabes que estou melhor, filha? – disse a moribunda com um derradeiro sorriso de anjo que se despede. – Estou, e mais confortada. Alentou-se-me este último sopro de vida que ainda aqui está.

– Mamã, mamã, se Deus ainda quisesse?

– Quer sim, filha, adorada filha da minha alma, quer usar da Sua imensa misericórdia comigo, adoçando-me estes últimos momentos que tão amargos devem ser a quem n'Ele não creia, e não possa esperar em Sua infinita indulgência. Ai que horrível será! Eu hei de reclinar-me no teu colo, e com esta mão nas tuas, com estoutra nas de teu pai, com os olhos naquela cruz, naquele Senhor que expirou nela por mim, acabarei a minha pobre vida neste mundo, e vos irei esperar sossegadamente na Eternidade... sossega, se tu me prometes de guardar o que esta manhã te pedi...

– Juro-lhe, minha mãe.

– Bem, minha filha; estou sossegada. Agora só mais uma palavra sobre o meu protegido. Frei João Índio, bem sabes, quando acabaram os conventos em Portugal, veio para aqui, para ao pé desse resto de aldeia em que nasceu e à qual tem esse estúpido e irracional amor dos da sua raça. Para convento do Brasil não quis ir, nem da sua Ordem os há cá: ele é Camilo. De modo que aí ficou. Tu eras muito criança e mal te lembrará que andava contigo ao colo, que te cuidava e te aturava mais que eu, e do que teu pai.

Bem vê-se se lhe hei de querer: a sua dedicação por ti entrou-me no coração. Eu tenho um dó, uma compaixão dele infinita, e ao mesmo tempo uma confiança, uma fé na amizade daquela natureza selvagem, que te asseguro morro

descansada se me prometes de o não separar nunca de ti, suceda o que suceder.

– Pois prometo mamã, sossega.

– Deus to pague, filha, porque bem sei que não gostas dele... e tens razão.

– Gosto, gosto, mamã: que ideia!

– Ele é bruto e teimoso, incapaz de toda a ocupação e trabalho. Só se for cuidar dos doentes, servi-los, que era a sua vocação e o seu instituto. Para tudo o mais, é nulo. Tem todos os defeitos da sua raça desventurada, mas é cristão sincero, amigo verdadeiro, e a ti quer-te, ama-te como se fosses sua filha, e tem por ti uma veneração e respeito que só pode ter-se por um ente de natureza superior. A mim, bem sabes, que o pobre homem quase que me reza, cuida que sou santa...

– E eu não lhe hei de querer, mamã, não lhe hei de perdoar todas as suas tolices!

– Não são tolices somente, são demasias brutais às vezes. Mas, querida filha, eu não sei porquê, será porque nasci nestes desertos, porque bebi deste ar selvagem, e mamei leite selvagem também; será porque de tão livre e tão feliz que me eu cria em minha ditosa infância, me levaram a um colégio da Europa, um cárcere para mim, a sofrer todos os martírios da civilização com que me transformaram, será disso talvez ou não sei de quê; mas é certo que eu tenho mais medo da polida e afetuosa urbanidade com que me entram pelo coração de surpresa e parecem querer roubar-mo à traição, do que...

Nestas palavras entreabriram a porta da câmara: era o visconde, que parecia duvidoso de entrar. Um sinal da doente o chamou para o pé de si. Ele olhava para trás como quem lhe pesava de entrar só; mas o velho general – que esse era quem com ele vinha – lhe fez por sua parte outro mui decisivo sinal de que devia entrar só. Entrou.

CAPÍTULO 19: RELIGIÃO, POESIA, MORTE

O livro era Os Mártires de Chateaubriand. As sortes virgilianas com que deparou eram o episódio de Cimódoce; a fascinadora descrição da primitiva cristandade

em Lacedemônia, aquela inimitável simplicidade evangélica, aquela não menos admirável singeleza homérica.

Oh!, se o autor desse livro sublime, que assim ocupava a atenção do viajante, passasse àquela porta que ali está cerrada e contemplasse a enternecida cena que aí vai!

Mais poesia há na sincera expressão dessa dor, nas singelas palavras de consolação, de saudade e de esperança que esses três se estão dizendo com os lábios, com os olhos – do que em todos os livros de quantos poetas houve e há de haver.

Crer e amar – é a única religião verdadeira; crer e amar – a única poesia verdadeira: uma não está sem a outra. O poeta de ambas se inspira: mas não há escrito humano que possa chegar a mais do que a refletir palidamente os divinos clarões que delas reverberam.

Que veja alguém romper a aurora, nascer o Sol, abrir a flor do casulo, ondear a seara com o vento; agitar-se o mar na tempestade, trovejar no céu a tormenta, espreguiçar-se o arroio pelo prado, morrer o justo no seu leito, o criminoso no patíbulo, o soldado na batalha, sorrir a criança no seu primeiro sorriso nos braços da mãe, nascer o amor verdadeiro nos olhos da mulher, gemer a dor no coração do pai que perdeu o filho, estrelar-se o firmamento azul por noite serena – que as contemple alguém, essas ou outras das imensas maravilhas e belezas de que está cheio o Universo, o que são o culto, a religião, a poesia dos que crêem – e vejam depois se há Homeros que lhas possam dizer à alma com a mesma força, com a mesma graça!

Passou-se a maior parte da noite assim: vinha de vez em quando Isabel buscar um caldo, ou o pai preparar um remédio; e não vinham mais tristes, porque a querida enferma não piorava.

Diminuíam-lhe as forças, mas a febre não aumentava; e a dissolução daquela fina existência ia-se operando lenta e gradualmente, em sobressaltos.

Era manhã clara; já o Sol rompia no oriente, e:

– Oh!, eu não quero morrer aqui – disse a doente – sem ver o sol, sem regalar os meus olhos pela última vez com o magnífico espetáculo da Natureza. Que me

levem onde eu veja resplandecer à luz do dia, todas essas belezas de Deus que me cercaram na vida, essas árvores, essas fontes, esses sítios encantados onde fui tão feliz, onde tão amada fui, onde tanto amei... O ar desta câmara afoga-me, está gasto, não o posso respirar. Quero refrescar-me na brisa pura da manhã perfumada como ela vem das nossas florestas virgens, das flores selvagens do deserto. Oh!, não posso estar aqui.

Foi preciso obedecer-lhe.

Envolta em caxemiras e peliças, em veludos e arminhos a passaram do leito para uma cadeira estofada que levaram quatro escravas, como quem leva umas andas; e na sua sala favorita a puseram, aquela onde estava o piano, as pinturas, os retratos e todos esses frágeis mas queridos monumentos de uma vida de família: o desenho acabado um tal dia, o presente recebido em tal ocasião... Pura e celeste religião dos Penates, que não tem coração, nem Deus o que não professa. A mulher especialmente, a mulher que a Monsieur de Bréssac, tomando o primeiro livro que achou sobre o bufete de antecâmara, foi sentar-se no vão de uma janela, abriu o livro à ventura e começou a ler à toa; mas dentro em pouco tempo estava absorvido na leitura.

Escarnece, que a despreza ou lhe é indiferente... cuidado com tal mulher; não há que fiar nela.

Colocaram-na bem no vão da janela de arco que está no meio da sala: janela inglesa com sacada saliente e coberta, por onde a luz entra larga a jorros a inundar todo esse aposento.

– Que dia, que céu, que beleza! – exclamou a enferma. –Que embalsamado está o ar! Acolá, Isabel; vês acolá Rodrigo? Onde eu fiz plantar aquela cruz tosca de madeira, entre aquelas pitangas floridas, tão bonitas... ali desejo eu ficar. Sabes?, a pitangueira é a murta da nossa terra. Eu não fiz senão amar na minha vida: quero na morte abrigar-me entre essas ramas de que se coroa o amor. Uma pedra simples com o meu nome de batismo somente: “Maria” e nada mais...

“E agora assim... dá cá a mão, Isabel; a tua mão, Rodrigo... Assim, assim... sustenta-me a cabeça... E é trovoada isto, que se escurece tudo?... Não, são as sombras da Eternidade que vêm sobre mim. Isabel, filha! Marido da minha alma! Adeus! Senhor Jesus Cristo, Virgem Santíssima, sede comigo.

– Mamã!... – clamou Isabel, fora de si, e perdida toda a força com que até ali tinha resistido.

– Filha!... – pronunciou a mãe com dificuldade já...

E não disse mais nada. O último suspiro ainda saiu articulado naquela palavra querida.

CAPÍTULO 20

São passados dois dias: a manhã está triste e úmida, o céu feio e nublado, cai uma chuva miúda que ensopa as ervas, faz pender as flores e tine com som baço e melancólico nas copas altas das árvores.

Além sobre um outeiro, rodeado de viçosos mirtos brasileiros, está uma cruz tosca, e ao pé dela uma cova aberta; um pequeno grupo de homens de diferentes cores e raças a rodeia. Junto de um caixão negro aspado de uma cruz de prata, um clérigo de sobrepeliz e estola recita lentamente o ofício da sepultura. Ao pé dele um homem moço, mas débil e extenuado pelo sofrimento, ouve com atenção os versetos melancólicos dos salmos responsórios; mais a um lado, outro homem mais velho e mais forte, alto, magro, em grande uniforme de general; e entre estes, uma jovem senhora coberta de rigoroso luto.

Nenhum chorava; todos tinham as lágrimas estanques nos olhos inflamados, túmidos.

Os três eram os senhores, o resto do grupo servos e dependentes. E ali estava toda a família do poderoso visconde de Itahé dizendo o último adeus a sua boa senhora que ao pé daquela cruz vai enterrar-se.

As orações terminaram, o caixão desceu ao fundo da cova; e o som baço da terra, caindo sobre as pranchas do ataúde, foi diminuindo, foi emudecendo mais e mais até que morreu de todo, e a cova ficou cheia e a terra se anivelou com a terra. Puseram-lhe em cima um grande penedo tosco sem nenhum modo de feição ou lavor senão só o nome de MARIA, gravado no mais alto em letras fundas.

– Tudo está consumado – murmurou o clérigo, inclinando-se diante da cruz.

– Adeus, mamã! – disse Isabel.

O visconde ajoelhou sobre a terra encharcada e mole e abraçando-se com o rústico monumento da esposa, beijou o nome de Maria. Daí levantou-se, e, tomando o braço da filha, sem mais lágrimas nem palavras caminhou para casa. No mesmo silêncio o seguiram todos.

O tempo levantou. O Sol brilhante e poderoso apareceu de repente no céu, afugentando os densos vapores que o enegreciam; toda a Natureza sorriu. Os capins dos prados reluziram de seu verde transparente; as flores mais belas, mais viçosas de cor e de aroma levantaram a corola pendente, as árvores estremeciam vibrando como de prazer em seus ramos. Saíam de seus ninhos miríadas de pintadas aves, cantando as poucas a que a Natureza ali deu o raríssimo dom da melodia. Ressurgiu toda a Natureza e se vestiu de gala e de alegria.

A morte não assusta, não entristece senão ao homem, porque só ele compreende a mágoa sem fim e a dor sem remédio.

CAPÍTULO 21

Onde raras estrelas pasce o pólo, todas cintilavam espargidas pela abóbada celeste.

Em toda a aldeia suíça chamada Nova Itahé, elegante e caprichosa residência do visconde do mesmo título, já dormem todos, menos os que a dor tinha despertados para velar saudades que nunca se hão de apagar nesta vida.

Na livraria estão os dois inconsoláveis anojados – o pai e a filha; vestidos de rigoroso luto e sentados um defronte do outro, sem pronunciarem uma sílaba, sem outro sinal de vida mais do que o pranto de seus olhos, que não cessa. Entre os dois está o general, tão carregado de luto como eles, quase tão triste e talvez mais pensativo. Para os dois, há aquela dor imensa, mas única; deixam-se embrutecer, esmagar por ela; as do francês são tantas, deixaram tantos cuidados após si, quem sabe de remorsos?... Não há mágoa tranquila, há um padecer excruciante para os corações que têm de se repartir assim entre muitas penas.

Com um imenso número do Times aberto diante de si, a luneta cravada nos olhos, Monsieur de Bréssac forceja para fixar a atenção e distrair-se dos internos pensamentos que o devoram. Impossível!

O visconde não tirava dele os olhos senão para os pôr na filha. Parece que só amparado entre os dois se lhe sustem a vida.

Deixemo-los: dê-se à dor o que é da dor, e à humanidade o que é seu. Deixá-los desgastar no pranto e embotar no padecimento o gume da espada que os está lacerando.

E condição do homem sofrer e repousar depois no cansaço do sofrimento. Deixá-los, e vejamos se por essa população, que toda parece dormir, alguém vela todavia ainda.

Não se vê luz senão na capela; será a perpétua luz da lâmpada que arde silenciosa no santuário? Não: ouve-se o murmúrio de um orar fervente, e não de quem recita fórmulas banais e sabidas, mas comunga mentalmente com o mundo dos espíritos.

Vejamos, oiçamos.

Ajoelhado nos primeiros degraus do altar, está um vulto negro. Sobre suas vestes pretas e talares, como as de um simples, uma cruz vermelha lhe assinala o peito; cor de cobre e mal-assombrado o rosto, onde não há sinal de barba, e que tem não sei quê de afeminado e de feroz ao mesmo tempo. O cabelo hirto e mal semeado em roda da larga tonsura clerical. E frei João Índio; as feições de sua casta e os hábitos de seu instituto o denunciam.

É frei João o que está diante do altar, abrindo o seu coração de selvagem ao Deus dos Cristãos, que ele adora, – que é Deus dos brancos infelizmente, gente má e opressora, e dos negros também – que ainda é pior – raça abjeta e desprezível, nascida para a escravidão somente.. Mas enfim. Deus é Deus de todos, pensava tristemente o frade. Se fosse dos Índios só, não se veriam eles tão desamparados e oprimidos como andam! Embora: o grande Espírito de seus pais, é Ele, é o Deus grande, o Deus dos Cristãos. Frei João é cristão sincero, e as suas mesmas superstições selvagens se convertem nele em fundamento de crença e de piedade.

– Meu Deus – dizia o frade –, Vós bem sabeis que sou índio, e que o meu sangue nem o meu coração não podem mudar. Consagrei-me ao Vosso altar e fugi da minha desgraçada terra para viver e morrer na Europa, onde não chegasse o ar de nossos montes e o cheiro embriagante das plantas do deserto, porque eu temia a minha natureza bruta e não queria ser senão Vosso, meu Deus.

É noite, e naquele céu.

“Não o permitiste, Senhor, assim. Deixastes que os ímpios expulsassem os Vossos servos de suas casas, que Vossas eram; que os roubassem, que os proscressem, que os obrigassem a despir seus hábitos, e a trajar mundanamente como eles!

“Não lhes quis obedecer: fugi, e aqui vim outra vez para viver e para morrer com os meus e na minha terra.

“Mas onde estão os meus? E que tenho eu nesta terra, que ainda chamo minha, não sei porquê? A nossa última esperança foi-se... esse anjo em figura de mulher que tinha vindo do Céu para nos consolar voltou à sua pátria, deixou-nos! Ontem demos à terra os seus despojos mortais, seu eterno espírito voou ao Céu, e nós ficamos órfãos e desamparados. Este miserável resto de uma nação tão poderosa... que tudo quanto os olhos vêem destes montes era seu, que hoje todo o seu domínio são essas poucas choupanas arruinadas da Velha Itahé... quem o há de defender do Branco e do Negro, nossos inimigos capitais?

“A jovem senhora é boa e santa, quase como sua mãe, mas o resto de sangue índio que gira em suas veias já não tem o instinto da sua raça. Pode ser que nos detestasse ainda mais se soubesse que participa da nossa origem.

“Eu que a amo como filha e que, apesar das odiosas misturas de sangue, ainda distingo, ainda respeito nela o de nossos antigos caciques, eu sou para ela um objeto de escárnio e de aborrecimento, bem o conheço. Que será, meu Deus, quando chegar esse português com quem a casam, esse pobretão do reino velho a quem vai dar todas estas riquezas, que Vós não consentistes decerto que se perdessem nesta família senão porque nela se conservou o sangue, embora degenerado, dos primeiros e verdadeiros senhores destas terras escolhidas, e para que o seu amparo se pudesse estender sobre nós, seus verdadeiros filhos. Oh!, isto não pode ser assim, nem Vós podeis permiti-lo, meu Deus.

Inspirai-me, Senhor, o que devo fazer, e confortai a minha alma que sucumbe. Dá-me tu luz do Céu, minha irmã, e não me abandones agora, que eras a minha guia, a minha protetora neste mundo.

“Não pode ser! Isabel não pode ficar órfã e abandonada neste mundo, escrava da vontade de seu pai, que não é, que não pode ser bom pai, porque todo o seu amor o dá a esse sobrinho, para quem cobiça tudo, a quem tudo sacrifica.

“Não, Isabel não hão de ser sacrificada, nem a há de levar de nossas terras esses estrangeiros cobiçosos e egoístas, que não vêm cá senão para nos zombar.

Estas últimas palavras foram já ditas de pé, sem tom, nem ar de súplica ou de oração. Já se não humilhava nas preces e nos rogos aquela alma selvagem. As paixões do índio, excitadas pela desconfiança, já estavam desgovernadas e soltas, não respiravam senão vingança.

Saiu da capela, entrou no presbitério; tomando o seu bordão seguiu em direção aos matos, caminhando à borda do canal que vinha dar à lagoa do parque, para o sítio onde o rio se dessangrava nele e onde, não longe, era situada a já florescente e hoje quase arruinada aldeia Velha de Itahé.

Esta aldeia Velha de Itahé, que, segundo as tradições dos índios, tinha sido a capital de uma nação poderosa, que ocupara aquelas terras em épocas remotas, perfeitamente representava hoje o estado de uma raça votada a perecer, a extinguir-se e a morrer às mãos da civilização que a invadira; e que lhe levava todos os seus vícios e corrupções sem que nenhuma de suas vantagens tivesse podido dar-lhe.

Durante alguns anos e sob o regime dos missionários jesuítas, pareceu animar-se; mas com a expulsão dos padres recaiu na consumpção que a devora, e que a indolência natural aumentou. Muitos, dos índios, emigraram para o interior a unirem-se a outras tribos selvagens, que mais sertão adentro conservam sua feroz independência, ou vieram entregar-se à crapulosa civilização das cidades; outros, mas poucos, se conservaram em suas choupanas, dependentes do antigo colono Aires Leite, fundador da imensa riqueza e vasto patrimônio da viscondessa de Itahé.

Era Maria Teresa a última descendente daquela família, cuja origem os índios atribuíam a seus antigos caciques, e esta tradição explicava sua adesão aos senhores da Nova Itahé.

Tinha sido sua ama-de-leite uma índia da aldeia velha, por nome de Mohema; bela como não é raro que o sejam as de sua raça e notável por sua supersticiosa aderência às práticas e crenças dos antigos aborígenes, e por ser como arquivo de todas as antigas memórias e tradições, que em tudo e por toda a parte se obliteram.

Mohema era mãe de frei João Índio, que assim veio a ser criado na residência dos pais de Maria Teresa, onde desde seus primeiros anos se afeiçoara à religião dos invasores, como sua mãe lhes chamava. Apesar do seu natural eminentemente selvagem, adquirir por sua irmã de leite aquele amor e devoção sincera que foi a paixão de toda a sua vida; e que por morte dela se reportava agora todo a sua única filha Isabel, não obstante a espécie de ciúme, malquerença e ódio de raça que professava a seu pai, a quem detestava porque era europeu, e porque aos hábitos, à educação e às práticas europeias, atribuía a prematura morte de sua adorada irmã.

Frei João, protegido pela poderosa família da sua colaça, estudara no Seminário da Baía, onde se ordenou sacerdote. Estivera como capelão alguns anos em casa de seus protetores mas tal e tão odiosa impressão lhe fez o casamento de Maria Teresa, com o que ele chamava um aventureiro do reino velho, que, por faminto e não por emigrado, viera para o Brasil, que resolvera ele emigrar para a Europa, vindo professar em Lisboa no Instituto dos Camilos.

Os anos que viveu em Portugal, isolado do mundo, e entregue todo exteriormente ao escrupuloso desempenho da regra em que professava, tinha-os inteiramente passado em chorar por sua terra, e em rogar a Deus que o levasse para si, a esperar por sua irmã, que lá iria ter um dia, e junto da qual seria feliz por toda a eternidade.

Já disse como a revolução e a extinção das ordens religiosas o fez voltar inesperadamente ao Brasil, onde tomou o seu antigo cargo de capelão.

A sua repugnância, o seu ódio contra o marido de sua irmã, definhara e diminuía bastante, vendo-o cooperar com sua mulher nos benefícios que ela

liberalizava à raça índia, fundando no presbitério o colégio da educação, e provendo por mil atos a proteção daquele mal-aventurado povo.

Maria Teresa bebera com o leite e com as práticas de seus primeiros anos um entranhável afeto àquela proscrita raça, cujas ligações de sangue com o seu próprio, Mohema lhe exagerara e profundamente gravara em seu tenro ainda e compassivo coração; exaltando-lhe também a infantil imaginação com lendas misteriosas, em que a sua razão descobriu depois absurdas fábulas, mas não chegou nunca a deter de todo a impressão supersticiosa que haviam feito.

Senhora elegante, de um espírito sólido e cultivado, com uma alta e superior inteligência, a sua imaginação contudo era índia, era selvagem, e corria desregrada e solta, sem obedecer a nenhuma lei.

Assim, conhecia a bruteza e nulidade de seu colarço; não lhe dava importância alguma como homem social, tinha contudo uma fé supersticiosa e cega no filho de Mohema, que era forte e sabido naqueles mitos e histórias absurdas da raça indígena. O Índio detestava o Preto, Maria Teresa, só por via da sua religião, se curvou a amar o Negro e afeiçoar-se por pai Cássiano. O Índio vive sempre em desconfiança do Branco, e ela, adorando seu marido, não podia vencer o seu coração e confiar inteiramente naquele que amava mais que a si própria.

Habituada aos gozos do luxo e da elegância europeia, não podia viver sem eles; sentia contudo uma espécie de remorso desta necessidade, e se acusava dela como de um crime.

A ideia daquele sobrinho, daquele Fernando, a quem seu marido destinava a filha, desde o berço, era uma ideia de terror, que a perseguia como uma sombra ma.

A sua razão e a sua religião sublime condenavam todas estas superstições, mas elas estavam arreigadas em sua alma pelo instinto.

E da luta contínua em que viveu, travada em seu instinto selvagem e sua razão civilizada, morreu vítima aquela boa e santa criatura, legando à sua adorada e única filha os mesmos gérmenes de infelicidade e destruição.

Tudo isto sabia e conhecia frei João, como amigo que era, confessor, e irmão de leite e de crenças – antes de instintos da malfadada viscondessa, cuja morte era

para ele, para Mohema, e para todos os poucos índios que ainda conservavam a fé da sua raça, o maior dos infortúnios que podia acontecer-lhes, e que comparavam às duas grandes calamidades da sua história: a descoberta do Brasil pelos Portugueses e a expulsão dos Jesuítas.

CAPÍTULO 22

Caminhando ao longo do canal, ia frei João refletindo em todas estas coisas que rapidamente ficaram esboçadas no capítulo antecedente; e ora apressava desordenadamente o passo com a violência e impetuosidade do pensamento e das tenções que formara, ora ia lento e pausado, com a indolência do desalento e desesperança que lhe travava do espírito e o desanimava.

Chegou onde o canal sangrava o caudaloso rio, que, nos princípios desta história, vimos subir pela ágil e ligeira canoa, que tripulavam quatro índios, e que governada por nosso excelente amigo Spiridião, conduzia o general de Bréssac aos domínios de Itahé.

Chegado ao extremo ângulo formado pela derivação e pelo rios, frei João parou, e soltando um daqueles longos e evidentes assobios, que só um índio sabe dar, imediatamente lhe respondeu um outro mais discordante e complicado; e não tardou a sentir-se na água o esplachar de remos e o mover de uma embarcação que não podia ser senão uma canoa.

E com efeito a mesma canoa dos quatro índios, mas sem arrais preto, branco, nem vermelho abicou perto de frei João. Poucas palavras e todas em sua língua se trocaram entre os índios e o frade, que embarcou e seguiu com eles para a margem oposta.

Desembarcaram daí a poucos minutos e os índios remeiros, tendo varado a canoa na praia, acompanharam, no mesmo silêncio em que até ali tinham vindo, o taciturno frei João, que, sem olhar para eles, sem dar a menor demonstração de se importar de sua companhia, foi por vestígios de choupanas e cavas destruídas, de campos noutra tempo lavrados, de hortas abandonadas, até chegar a uma das cabanas, que, não longe de outras que ainda tinham aparência de ser habitadas, parecia a maior e a mais bem conservada.

Era o que ainda restava da aldeia da Velha Itahé.

Frei João entrou na cabana, cuja porta estava aberta, e com ele os quatro índios.

Sentados no chão em semicírculo, à roda de uma índia velha que parecia presidir ao sínédrio, estavam uns poucos de homens velhos, alguns moços, e todos, exceto um, mais ou menos marcados no rosto e nas feições de evidente origem dos indígenas.

Aquele era um homem moço ainda, mas obeso, posto que ágil e robusto, de complexão sanguínea, pescoço apoplético; as feições europeias mas desfiguradas' pelas bexigas que se percebia ter tido não havia muito tempo. O seu vestuário era ousado da cidade, limpo, mas desalinhado; sem ar grosseiro e vulgar. Todos os índios, maltrapilhos, meios nus; um deles, com o traje e ademanes livres de verdadeiro selvagem.

A velha – que bem mostrava ainda o que fora, o mais belo tipo de sua raça, alta, esbelta, de vigorosas e pronunciadas formas – era Mohema. Viu entrar o filho e os homens que o seguiam, e sem surpresa nem sobressalto, disse-lhe:

– Já vos estava esperando há muito; meus filhos, ali é o vosso lugar.

Sentaram-se em continuação do semicírculo, e Mohema disse:

– O espirita de nossos pais nos acompanha: bem vedes que a velha Mohema não engana, que tudo sai certo quanto ela vos diz. Não disse eu que o padre cristão era índio como nós? Aqui o tendes.

“Eu tinha consultado as profecias dos nossos antepassados, e em verdade vos digo que os Espíritos são por nós, e que a filha dos caciques não há de casar com o estrangeiro. E a vontade do seu pai, mas não é a nossa nem a dos Espíritos.

“Essa gente da aldeia nova quer acabar com a nossa raça, fazer aliança com os Negros, libertá-los e fazer-nos trabalhar a nos: o Índio nasceu para ser livre e não para o trabalho, nasceu para a caça e para a guerra. O Branco e o Preto que façam o açúcar, que cavem a terra, e que levem o ouro das nossas minas, que nós lho damos, e nos deixem a nossa liberdade e os nossos bosques.

– Mohema – disse um velho –, as tuas palavras fazem saltar o meu coração. Se o Índio já não é o que era, e nós não podemos senão viver em paz com o Europeu, que é mais forte que nós, que tem por si o Negro, nosso inimigo! E nem

podemos fugir deles, porque precisamos deles e das suas artes, que nos importa que a filha do visconde case com este ou com aquele? Não será com algum de nós.

– E porque não? – replicou Mohema. – É ela nobre, rica e poderosa pelo sangue português que tem ou pelo que lhe vem de nós? Aqui está o jovem Acaiba, filho do senhor do engenho de Sorocaba, que não despreza de descender da nossa origem, de usar do nome índio da sua raça.

Frei João, que até ai tinha ouvido taciturno e cabisbaixo as declarações de

Mohema, levantou a cabeça e disse:

– Basta, mãe! Os três Espíritos enganam-te. Os teus discursos não são inspirados como dantes eram.

“Esse homem não é nosso, a parte do sangue de suas veias que não é português, é também estrangeiro porque é Negro; as suas feições o dizem. Pôs-se o nome de Acaiba para se fazer grande e independente, renegou o português que era o melhor que tinha.

Anda nesses enredos e embustes para nos trazer ao seu partido, para ver se alcança a mão de Isabel, de cuja imensa riqueza está namorado. Não o há de conseguir enquanto frei João, este pobre frade que aqui está, tiver o olho aberto.

– Filho! Filho! Assim nos quereis atraiçoar! Mudaram-te com esses hábitos!

– A mim ninguém me mudou. Índio nasci e índio hei de morrer. E também sou frade, e de frade não hei de renegar.

“Minha irmã morreu há três dias, e eu prometi em seu leito de morte que velaria sempre por sua filha. Seu pai quer casá-la com um sobrinho, outro português como ele; mas fiai-vos no que vos digo, não o há de conseguir. Isabel há de escolher por si, que são os votos de sua mãe. Não deis ouvidos ao falso Acaiba e tende bom ânimo.

– Mas, filho, querem libertar os Negros, e os Negros em sendo livres hão de devorar-nos.

– Os Pretos são homens. como nós. Libertou-os e remiu-os o mesmo sangue precioso que remiu os homens todos.

– Tu blasfemas! Comparar o escravo com o homem livre das florestas!

– Minha mãe, eu sou cristão e sacerdote de Cristo. Diante do Deus dos Cristãos, não há Índio, nem Português nem Africano, há homens. Não sabes tu que, pelas antigas profecias, os pecados de nossos pais haviam de trazer sobre nós os castigos que estamos sofrendo?

– Sim, mas as profecias também falam de um vingador que há de vir de longe.

– O vingador é Jesus Cristo, e d'Ele só é o prêmio e o castigo das obras dos homens. Eu sou índio, mas índio cristão. Creio, como vós, que terra e os céus, as plantas e os animais têm espírito que nos prediz o futuro, mas é porque Deus o permite e manda. E não é aos que se embriagam e efeminam todo o dia e dormem toda a noite, que os espíritos do ar ou da terra falam das coisas que estão por suceder, sim aos que oram e crêem e fazem penitência de seus maus feitos.

.....
.....

– Tu, mãe, vem comigo.

– Onde?

– À aldeia nova. Ficarás esta noite em minha casa; amanhã irás ter com Isabel, que quer ver-te e consultar.

– A mim!

– Encarregou-me de te procurar.

– Irei.

– Traz contigo aquelas drogas e simples que ninguém sabe conhecer nem colher nestes sítios senão tu, nem empregá-los devidamente. Vós, ide cada um para vossas choupanas e sossegai.

Os índios saíram; Mohema, depois de ter escolhido umas ervas, frutos secos, sementes e raízes que pendiam do teto da choupana, pôs-se a caminho com frei João, que de volta com os remeiros entraram na canoa, atravessaram o rio e a grandes passos, sós os dois, seguindo o longo do canal, chegaram à nova aldeia e se recolheram ao presbitério.

CAPÍTULO 23

Isabel tocou à porta do quarto do pai, que lhe conheceu a voz e languidamente lhe disse:

– Entre, minha filha.

O elegante e faustoso senhor de todos aqueles imensos domínios, prostrado e abatido pela dor e pelo que ainda é pior que ela, e desanimação e desalento que lhe sucede, estava tristemente descaído sobre um sofá, escondendo em uma das mãos o rosto, para vedar de seus olhos a luz que lhos ofendia, débeis e cansados de chorar.

– Meu pai – disse Isabel, sentando-se ao pé dele –; meu querido pai, então? Onde está o seu grande ânimo?

– O meu ânimo, filha – respondeu ele, abraçando-se com ela e beijando-a muitas vezes –, o meu ânimo está enterrado acolá no parque, debaixo daquela cruz.

– E a sua filha?

– Ah!, a minha filha está aqui nos meus braços, e esta não só ma hão de tirar, porque primeiramente me hei de ir eu, e não tardará.

– Sim! E a sua filha só, só neste mundo, no meio deste deserto! Vamos, lembre-se do que diria a mamã se o ouvisse dizer semelhantes coisas. Do que estará dizendo, agora no Céu, vendo-nos faltar às promessas que ambos lhe fizemos, de viver unidos e resignados com a sua falta, de vivermos por amor dela.

– Mas que hei de eu fazer, filha? Eu não tenho força nem ânimo para viver. Deus é testemunha.

– Há quatro dias que não toma coisa alguma, e que se alimenta com esse café que aí vejo sobre a mesa. Fechado neste quarto, agora ultimamente nem conversa com o general.

– O general é meu amigo, não o duvido, mas a sua conversa cansa-me; os seus conselhos não os posso seguir.

– Pois que lhe aconselha ele?

– Que saia daqui, que vá para a Europa. Eu! Eu abandonar estes lugares onde fui tão feliz, que todos me recordam a minha ventura. Que abandone a sepultura de minha mulher, de tua mãe, Isabel!

– E porque não, meu pai? Ninguém quer mais a estes sítios do que eu, nem sente a vida mais presa a eles do que eu, que aqui nasci, e que não conheço outros. Mas aqui perdi minha mãe, e não quero perder meu pai, moço ainda, e cheio de saúde e de futuro.

Não, meu pai, a sua estada aqui é a sua morte, e nem Deus, nem minha mãe, nem eu podemos consentir em tal. Precisamos da sua vida para muito.

– Que dizes, filha?

– Digo o que é, o que deve ser.

– Pois também, tu! Também és da opinião dele?

– Certamente, porque nem meu pai, nem eu nos devemos enterrar neste deserto, tão sós. Enquanto minha mãe foi viva, nunca senti a solidão porque ela no-la povoava de seu espírito, de sua graça e do seu amor. Agora, é diferente. Todas estas flores da nossa existência aqui se convertem em espinhos que nos dilaceram, ou frutificam em bagas amargas e venenosas que nos empeçonham.

“Meu pai, está ali a velha Mohema.

No dia seguinte, pela manhã, o general, fechado no seu quarto, escrevia e classificava em novos cadernos as suas herborizações; o visconde meditava no seu em descaída melancolia, sem saber nem poder ocupar-se em coisa alguma, tal era a prostração de espírito e corpo, a que mais e mais sucumbia de dia para dia.

– Mohema! Que tem que ver aqui, a velha bruxa índia?

– Mandei-a eu chamar.

–Tu!

– Eu, sim. Ninguém conhece como ela as ervas que restauram a saúde e os nervos; nenhum médico as sabe aplicar tão bem. As suas fumigações e beberagens, conheço eu de que são feitas, não fazem mal; há de tomá-las o papá, e há de experimentar as suas benzeduras e feitiços e verá como torna a si, como a sua razão se vigora para refletir na nossa situação e deliberar seguramente o que nos convém.

– Ó filha, tu não sabes a repugnância que eu tenho a índios.

– Olhe o que diz! E eu e minha mãe não temos sangue índio? Ignora a nossa alta genealogia, que descendemos em linha reta do poderoso cacique, não sei quantos, e não sei que?

– Tolices e superstições e mal entendida vaidade da família de tua mãe.

– Sim, que meu pai não tem o seu orgulho minhoto de vir de não sei que ferrabrases de Alexandria, que foram às Cruzadas, à Índia, e não sei aonde mais.

– Os Sousas, que vêm dos Soutos da Grécia, não há dúvida. Teus avós são do Paço de Sousa. Os verdadeiros Sousas de Portugal. O caso é bem parecido!

– Não é, decerto. Que os seus avós vestiam de ferro e os meus de penas. As terras que eles deixaram dão couve galega, e as que ficaram destas apenas produzem oiro e diamantes. Ora vamos, ria-se, que todas estas nossas genealogias são tão ridículas umas como as outras, como todas.

– Tem razão, filha; muita razão.

– Pois se tenho razão, ria-se.

– Filha da minha alma!

E abraçou a filha e riram ambos abraçados; e se o riso era ainda amargo, também as lágrimas já eram mais doces.

– Agora vou buscar um caldo?

– Pois sim, rapariga.

– E trago Mohema?

– Tenho-lhe zanga.

– A ama de minha mãe?

– Venha Mohema.

E ria a pobre criança, para sustar as lágrimas que resplandeciam da luz de seus olhos, animada com esta vitória, com o íris depois da tempestade. E saltando e correndo foi buscar a velha feiticeira índia.

CAPÍTULO 24

As drogas de Mohema, ou talvez melhor os solícitos cuidados de Isabel, foram com efeito milagrosos: o visconde melhorou; e sem tornar a ser o que era, porque a alegria, a serenidade de espírito, a amenidade de seu caráter e trato familiar, não volveram mais, contudo recobrou bastante de si e de seus grandes poderes intelectuais, para ainda fazer honra ao seu nome, e ocupar na sociedade o lugar que ele e a sorte lhe haviam dado.

Estavam uma noite todos três – ele, a filha e o general – na preferida sala da janela inglesa, e depois da refeição do chá, que Isabel tinha servido com a sua graça habitual, realçada certamente agora pela doce melancolia que a saudade da querida mãe dava a toda a sua pessoa, M. de Bréssac como preocupado de uma ideia que o entristecia deixara esmorecer a conversação, que afinal descaíra em tristonho silêncio.

– Em que pensa, general? – perguntou o visconde.

– Penso em que devo partir, mas despeço-me com outro ânimo, porque o vejo mais confortado e porque levo a grande consolação de conhecer o solícito anjo-da-guarda a quem o deixo confiado. Está um navio a largar da Baía para o Havre. E forçoso partir depois de amanhã.

– Não, não parte, eu lho prometo.

– A minha odisseia está feita, só me resta ver o fumo do lar paterno e morrer. Morrer para tudo que não seja a minha Helena e o seu estabelecimento no mundo. Esta carta (leia visconde), que é de Madame de Abrantes, insta pelo meu regresso a França, porque Helena está crescida, bela, prendada, e é preciso ir cuidar do seu futuro e não tenho tempo a perder. Acabo pois a minha odisseia; só se a minha bela Circe à força de encantos...

– Circe e Calipso reunidas ambas na minha augusta pessoa – disse Isabel – nem transformam o general de Bréssac em cerdo feroz, nem lhe mandam queimar as naus... para que não as parta.

– Beijo as mãos a Circe e a Calipso.

– Mas el-rei Alcino é que não deixa partir Ulisses.

– E porquê, real senhor?

– Porque partirá com ele. E a infanta Nausica também.

– É possível?

– É possível e é certo. Tenho no Recife, em Pernambuco –continuou o visconde –, uma galera, minha, esplêndido navio, bom veleiro, bem tripulado e costumado às viagens da Europa. Partiremos juntos, se o general...

– Oh!, mas eu não ousava desejar, nem mesmo sonhar tanta felicidade. Agora, sim, agora posso jurar-lhes que a minha odisseia está acabada. Findou aqui, porque onde poderei encontrar mais delicada e benévola afeição do que a encontrei aqui, visconde?

– Nem no Sacré-Carur? Preveni-o, general, que sou muito ciosa, como verdadeira portuguesa, ou verdadeira brasileira, que ainda é pior.

– *Il y a avec le ciel des accommodements.*

– No meu céu, nada; não entram lá essas transações... ou tudo ou nada. Coração que não for meu todo, absoluta, exclusivamente, Não no quero para meu, diz um poeta português que não vale Molière, que me parece que não é menos cioso do que ele, porque se ri dos ciosos.

– E isso é razão?

– Oh, infalível. Quem muito escarnece e mofa de um defeito, é para encobrir que o tem.

– Já vejo que não é Nausica nem Calipso com quem tenho de fazer viagem, mas uma Circe feiticeira que adivinha. Calipso não sabia senão chorar, e não podia consolar-se, diz o texto.

– O francês de Fênelon não é o grego de Homero.

– Jesus! Helenista também, Dona Isabel!

– Por favor a meu hóspede, que é todo heleno...

– Misericórdia! Parece-me, com o devido respeito, que vossa excelência comete...

– O quê?

– Um calembur.

– General!

– Vamos – disse o visconde, revendo-se na filha –, a discussão vai-se exaltando; intervenho com a autoridade paterna e presidencial. Está fechada a discussão, e não há votos, porque não há projeto sobre a mesa, como dizem por todas essas assembleias e parlamentos em que hoje vivemos.

“Amanhã vamos fazer, como sabem, a Cabana do Pai Tomás, edição brasileira em prosa possível. Não é o original filadélfico e como o poetisa aquela bela dama dos Estados Unidos, que, se não estivesse aqui Isabel, diria que sempre tem as meias de uma cor!

– Azul, não, papá: que ninguém escreve com menos pretensão, mais singelamente, e com mais simplicidade evangélica.

– Então se as meias não são azuis, hás de permitir ao menos que te diga, que a touca, boné ou o que quer que traz na cabeça, é incômodo.

– Não sei.

– Mas sabe todo o mundo, filha, que as suas declarações são rouges, são mais vermelhas que a bandeira de um falanstério socialista.

– Se o Evangelho é socialista... Se o Evangelho é o Livro de Deus, que manda aos homens que se amem como irmãos e como iguais.